CMP 1.2.2.50-2

EX-LIBRIS
O ESTADO DE S. PAULO

Suplemento Literário

ANO DECIMO/NUMERO 459

SÃO PAULO, 18 DE DEZEMBRO DE 1965

Bilac: o poeta e a crítica

WILSON MARTINS

No que se refere a Olavo Bilac, não é uma "revisão do poeta" o que se impõe, mas uma "revisão da critica". Em nenhum outro caso terá sido esta ultima tão sistematica, tão obstinadamente inferior a si mesma; a "excessiva perfeição" que Mario de Andrade, com alguma inocencia, nele censurava em 1921 tem desnorteado, ao mesmo tempo, os seus entusiastas e os seus detratores. Medusados pela ideia convencional do Parnasianismo, proposta pelos manuais, os criticos e historiadores da literatura brasileira (em particular os que vieram depois de 1922) parecem ignorar o fato de que a "tecnica formidavel" não foi apenas, em Bilac, um virtuosismo manual ou auditivo; não é nela que consiste a sua poesia. O maior dos parnasianos brasileiros (e, sem duvida, um dos mais estupendos parnasianos das linguas latinas) tem pago pelos pecados dos subparnasianos; quando Mario de Andrade reconhecia que a perfeição tecnica de Bilac "confinava com a genialidade" sentia obscuramente, sem poder ou sem querer admiti-lo, que ela era apenas o instrumento de uma sensibilidade e de uma força de expressão poetica que, justamente, dele faziam, para além das escolas, das doutrinas e dos recursos mecanicos, um grande poeta. O teorico do Modernismo, que havia sido também poeta parnasiano a seu tempo, não era tão desarmado que tomasse os recursos de expressão por aquilo que Bilac tinha a exprimir e que constituia propriamente a sua poesia; e se essa riqueza esmagadora de força expressional o ofuscava um pouco, isso não o impedia de reconhecer que "nenhum outro existe que se lhe compare na lingua; e mesmo fora desta, poucos emparelham com êle nas linguas que sei. Um há que o supera, um apenas: Victor Hugo". O que, no plano mais alto da historia literaria e da tecnica poetica, não será pequeno elogio.

Comemorou-se dia 16, anteontem, o centenario de nascimento de Olavo Bilac, uma das mais puras vozes da lirica portuguesa. Á sua memoria dedicamos, além deste artigo, as nossas paginas 2 e 3.

Se Olavo Bilac ainda não inspirou a grande obra de analise critica, objetiva e desinteressada, a que tem direito como um dos maiores poetas da lingua portuguesa, é certo que as perspectivas pós-modernistas foram traçadas, ao nivel negativo, pelo conhecido artigo de Mario de Andrade, na serie dos "Mestres do Passado". Não que êle tivesse exercido realmente uma influencia critica posterior ao seu imediato e transitorio sucesso de sensação em 1921 (pode-se afirmar que essas paginas só foram realmente conhecidas em termos de apreciação critica depois de exumadas, pelo sr. Mario da Silva Brito, em 1955), — mas porque resumiam, de forma por assim dizer autorizada e fiel, os sentimentos das gerações que, a partir daquele ano, se entregaram á reforma poetica. Contudo, é preciso situar corretamente o artigo de Mario de Andrade nas suas coordenadas intelectuais e historicas: trata-se, antes de mais nada, de uma analise polemica, em que, á falta de poder incriminar Olavo Bilac pelos seus defeitos, êle o condena por suas qualidades; além disso, deve-se notar que não é propriamente o poeta que está em causa, mas o que êle representava na poesia brasileira e que representava tão bem ao ponto de poder simbolizar tudo o que se desejaria destruir. Nessas condições, seria um erro de leitura encarar o artigo de Mario de Andrade como um julgamento critico objetivo e correto; trata-se apenas, como os demais na serie, de um movimento tatico na guerra das escolas. E' bem evidente que, nessas perspectivas, a justiça e a correção das estimativas esteticas e espirituais é o que menos interessa; o que se tem em vista será apenas a destruição do adversario. Sob as aparencias de uma pretensa analise tecnica (como a sua estatistica das "enumerações" bilaquianas, como se elas fossem um defeito em si mesmas, restrição tanto mais surpreendente por vir de um modernista, isto é, de um homem para quem tais minucias já não tinham importancia nenhuma!), Mario de Andrade escreveu uma pagina impressionista, em que rejeita Bilac essencialmente por questões de gosto.

Mas, de tôda a série dos "Mestres do Passado", sente-se claramente que êsse foi o artigo que mais lhe custou em atitude negativa. Mário de Andrade não poderia deixar de perceber, por um lado, a injustiça de um julgamento parcial e negativo por sistema, enquanto, de outro lado, seria sensivel ao que Bilac representava, em camadas mais profundas, como poeta eleito da sensibilidade brasileira. Se, nos parnasianos de segunda linha, a "técnica formidável" servia somente para dissimular a falta de inspiração ou para "congelar" o ímpeto das emoções, em Bilac as duas coisas se completam e êle exprime de uma forma admirável o conteudo poético, a substancia emocional, que são, em têrmos literários, a tradução de uma forma de ser psicológica. Se não é verdadeiro, na maneira peremptória e absoluta em que costumam apresentá-lo, o postulado de que "forma" e "conteudo" não se distinguem e constituem uma unidade indestrutivel, parece inegavel que isso ocorre nos poetas realmente grandes; e que ocorra, de tôda evidência, em Bilac, será, com certeza, o primeiro indicio de sua categoria excepcional.

Iniciando o periodo em que a poesia assumiu como dever fundamental não ser eloquente, é a eloquência, justamente, o primeiro (e, no fundo, unico) defeito que Mário de Andrade denunciava em Olavo Bilac. No impeto polêmico, êle se entregou á ironia um pouco pesada de qualificá-lo como "deputado da Beleza na terra do Brasil", mas, ironia á parte, é certo que Bilac colocou a eloquência poética numa altura que tornou entre nós muito mais dificil o exercicio da poesia literária; em consequência, na dificuldade, se não na impossibilidade de superá-lo, só restava ás novas escolas a fuga para a frente, isto é, a negação inicial e definitiva da eloquência como valor poético de qualquer significação. Era o caminho aberto para a poesia ironica e sarcástica dos anos 20 e 30, para a poesia cerebral dos anos 30 e 40, correntes essas que, pela multiplicação natural das próprias tendências sôbre si mesmas, conduziriam ao fim de partida que é a poesia brasileira dos anos 50 e 60. Esse é um dos aspectos em que melhor se pode medir a larga influência do Modernismo no espaço e no tempo (favorecida, claro está, pela situação mundial da poesia moderna); êle explica, ao mesmo tempo, que continuem a se repetir, sôbre Olavo Bilac, os lugares-comuns polêmicos dos anos 20, da mesma forma por que deixamos de exercer sôbre êle aquela "leitura critica" continuada e renovadora que todos os grandes poetas costumam inspirar. Somente os espíritos provincianos e ingenuos costumam periodicamente "expulsar" Victor Hugo ou Bilac, Camões ou Leconte de Lisle, da história literária; bastava que houvessem existido para que, ao contrário, nela se inscrevam para sempre. (Qualsquer que sejam as exigênciats pessoais de gôsto ou os decálogos literários de cada época, o que é assunto completamente diverso).

Não se trata, por consequência, de propor Bilac como poeta que exprimisse as preocupações ou o gôsto atual da vanguarda artistica brasileira, nem mesmo de opô-lo ás correntes modernas da poesia. Pretendê-lo seria, justamente, negar a sua historicidade, isto é, o papel eminente que representou num momento de nossa história intelectual. Contudo, seria igualmente tolo que negássemos aquela parte da sua obra e da sua inspiração que não dependem dos estados cíclicos da sensibilidade, nem das modas periódicas do gosto: há um lado importante de Bilac, não já como poeta, mas como poeta brasileiro, que, segundo penso, está acima dessas coordenadas de apreciação. Mário de Andrade, precisamente, reconhecia que um dos aspectos mais salientes da inspiração bilaquiana, a sensualidade, marcou-lhe a poesia sem jamais atravessar a "ponte muito comprida" que desemboca na obscenidade. Ainda aqui, as implicações polemicas turvaram a capacidade de julgamento crítico, pois a sensualidade do poeta será, por um lado, a expressão de um temperamento que bem poderíamos reconhecer como nacional e, por outro lado, ela alcança, enquanto expressão poética, as camadas mais profundas da nossa própria sensibilidade precisamente porque Bilac era eloquente, quero dizer, sabia como exprimi-la.

Embora romantico em sua essência profunda, o Modernismo, nos primeiros momentos, foi um movimento antilirico (pelo menos nas intenções); é natural que combatesse em Bilac o que mais o caracteriza — o lirismo amoroso — e o que, por outro lado, mais o afasta da figura convencional do Parnasiano. Esses dois equívocos das gerações modernistas concorrem para explicar não somente as suas inegáveis deficiências poéticas (que neste momento não nos interessam), mas, também, a estranha refração crítica que foi, em conjunto, a sua apreciação de Bilac. Julgaram-no exclusivamente pela "Profissão de Fé", em lugar de o lerem no texto e no contexto; tomaram-no, então, como protótipo de Parnasiano, assim como, mais ou menos na mesma época (e depois...), Cruz e Sousa seria tomado como protótipo de Simbolista. Na verdade, Bilac foi um parnasiano de estrita obediência no que se refere aos recursos de versificação e naquela parte da sua obra que tratou os temas convencionais do Parnasianismo; mas não foi apenas isso, e os amantes das estatísticas temáticas talvez se surpreendessem e nos surpreendessem com a revelação de que essa é a parte proporcionalmente menos numerosa na sua obra.

Há o Bilac amoroso, da emoção pessoal, que está longe da convencional "impassibilidade" parnasiana e que é, nesse aspecto, o autor de muitos dos mais belos poemas da lingua portuguêsa; há o Bilac dos temas propriamente brasileiros, nos quais se revelou, em nosso País, o que mais se aproximava da genuína inspiração épica, sem sacrificio da espontaneidade e da perfeição formal. Mário de Andrade observava que "O Caçador de Esmeraldas" era, nesse particular, "o esplendor dos esplendores". E acrescentava: "Que realização integral da Beleza! Fascina e deslumbra. Mas seria injustiça consagrar o poemeto só como realização do Belo. Na fala sobrenatural que consola a morte de Fernão Dias, há mesmo uma comoção ondulante, uma frescura impetuosa de mar. [...] Bilac quando chegou a essa parte do poema estava comovido. Incendiavam-lhe a alma, chicoteavam-lhe o espírito os arremessos de amor da pátria, sentimento em que foi constante e sincero tôda a vida. A perfeição dos versos continuou porque a sua técnica era tal que todas as suas comoções eram já metrificadas, com exatidão, rimadas com abundancia. E o fim do seu poemeto é colossal. E foi nêle, muito mais do que no soneto "Pátria", sôbre o qual paira a sombra irônica de Stecchetti, e mais do que nos livros escolares, que o seu sincero patriotismo teve a melhor ocasião de se manifestar poeticamente".

Como sempre acontece na história literária, foi por paradoxo a incomparável grandeza de Bilac que mais o desserviu, em têrmos de luta escolástica, perante as gerações modernistas. Por um lado, êle pagou pelo desgaste inegável do Parnasianismo e, o que não deixa de ser irônico, pelas debilidades do Simbolismo brasileiro (Nestor Victor queixava-se de que a gloria de Bilac havia impedido o reconhecimento oportuno de Cruz e Sousa); por outro lado, era inevitável que a perfeição formal, levada ao ponto em que a levou, acabasse por se anquilosar nas articulações, por se tornar cada vez mais rigida e mais automática. Esse é, contudo, um "defeito" de que só nos apercebemos na leitura continuada de tôda a obra; além disso, muito do que acreditamos simples repetição de processos formais é, na verdade, a manifestação do seu estilo. Com efeito, Bilac é um poeta de estilo inconfundivel e, por estilo, devemos compreender aqui não apenas os seus recursos caracteristicos e pessoais na construção do verso mas, também, e acima de tudo, uma visão particular do mundo, um tipo de sensibilidade e uma filosofia de vida, elementos todos que os analistas costumam deixar um pouco demais na sombra. Do lirismo pessoal aos temas de reverberações épicas, da poesia histórica aos grandes painéis descritivos, dos temas filosóficos aos simples divertimentos de artesão, não se pode dizer sem injustiça que a inspiração de Bilac era numericamente reduzida; mais injusto ainda seria afirmar que, em cada caso, êle não soubesse descobrir, com infalivel segurança, o conteudo poético especifico.

Neste ano do centenário, pode-se pensar que, criticamente, a fortuna literária de Bilac se marca por três momentos decisivos: de 1888, ano de aparecimento das "Poesias", a 1921, ano crucial na preparação do Modernismo (mas, não esqueçamos que muitos dos seus admiradores já haviam manifestado alguma decepção com "Tarde", em 1919); de 1921 a 1965, periodo em que, fato raro na história da literatura, Bilac conserva o seu estatuto de grande poeta apesar do silêncio rancoroso da critica e da sua hostilidade evidente; de 1965 em diante, na medida em que se pode prever maior objetividade de julgamento e maior maturidade do pensamento critico. Valha êsse esquema o que valer, terá, pelo menos, o mérito de notar uma importante singularidade na carreira ântuma e póstuma de Bilac, que é o seu desdobramento em ciclos extremamente largos: a não ser Victor Hugo, não haverá, talvez, outro exemplo de poeta que se haja mantido por tão longo tempo no primeiro plano da vida literária; Victor Hugo, de resto, renovava-se ideologica e tecnicamente de periodo para periodo, o que não se pode subestimar no processo de perpetuação ou de permanencia. Mas, Olavo Bilac é, por 30 anos, sem contestação, o grande poeta brasileiro, carreira que, sozinha, pode-se comparar á duração do próprio Modernismo e que, no seu caso, tem, ainda, a caracterizá-la, o fato de haver resistido e sobrevivido á lenta degradação da escola em que se inscrevia; não surpreende que muitos se hajam mostrado pressurosos em exilá-lo apenas por tanto ouvi-lo chamar de justo. Na verdade, por volta dos anos 20, sobretudo em sua primeira metade, era preciso ser anti-Bilac para ser alguma coisa; o que não deixa de estranhar é o longo periodo em que preponderaram nos nossos julgamentos criticos as perspectivas propostas pelo Modernismo. Digamos que, na primeira fase, era tão convencional admirar Bilac quanto foi convencional denegri-lo na segunda. A honra e o orgulho da critica não consistem apenas, como já se disse, em renovar de tempos em tempos os seus juizos; êles devem consistir, acima de tudo, na coragem de enfrentar e de afrontar os julgamentos convencionais e as modas literárias.

SUMARIO

Wilson Martins:
BILAC: O POETA E A CRITICA
Julio Garcia Morejón:
GANIVET: UM CENTENARIO (II)
Darci Penteado:
DESENHO
Pág. 1
Guilherme de Almeida:
BILAC, POETA DO IV SECULO
Nelson Libero:
BILAC VISTO POR UM AMIGO (Entrevista)
Luis Martins:
BILAC CRONISTA
Pág. 2
Julio de Mesquita Filho:
OLAVO BILAC, GUIA DA NACIONALIDADE
Pág. 3
Vicente de Paulo Vicente de Azevedo:
OS AMORES DE ALVARES DE AZEVEDO (II)
Rolmes Barbosa:
A SEMANA E OS LIVROS
Alcantara Silveira:
PICASSO E CHAPLIN (II)
Pág. 4
João Marschner:
BRASILIA: UMA REVELAÇÃO
P. E. Salles Gomes:
NOVEMBRO EM BRASILIA
Rogerio Sganzerla:
BRASILIA, UMA PERSPECTIVA
Pág. 5
Sylvio de Vasconcellos:
PROBLEMAS HABITACIONAIS
Nelly Novaes Coelho:
NOITE CONTRA NOITE
Livio Xavier:
REVISTA DAS REVISTAS
Pág. 6

LETRAS ESPANHOLAS

GANIVET: UM CENTENARIO

JULIO GARCIA MOREJÓN

II

Unamuno evocou a figura de Ganivet, seu amigo, como a de um homem antimetafisico que diluiu numa obra de arte o seu conceito do mundo e da vida, à maneira dos misticos e dos grandes escritores espanhóis antigos e modernos. Não foi, pois, um intelectual. Foi um afetivo e um volitivo. E sua obra adquire sentido, para Dom Miguel, à luz de sua violenta morte. O que Ganivet fez em seu curto espaço de vida foi semear, como Pio Cid, sua indefinivel figura novelistica, que se confunde com o proprio autor. Joaquín Casalduero, que em belo ensaio analisou El problema de la muerte de Ganivet, *chegou à seguinte conclusão, que nos parece válida: "Com minucia registrou Ganivet seus estados de alma e analisando-se certeiramente nos dá impoluto seu achado: Nele mesmo reside a causa de seu desassossego e, ao repeli-lo a sociedade, não tendo espirito religioso, acha inutil viver". Tipico exemplar de um romantismo tardio que anuncia um novo tipo de romantismo avançado à moda de Unamuno, verte-se ao redor de dois temas fundamentais, também analisados por Casalduero: o da morte e o da viagem. E ao redor dos mesmos borda uma série de meditações pessoais que giram em torno de seu eu e de sua Espanha. Sua meditação acerca da Espanha culmina em uma das obras mais importantes de nossa literatura:* o Idearium español, *"um verdadeiro sementeiro de idéias, todo um "sugestionadeiro" de marca maior", no dizer de Unamuno. Os espanhóis e os hispanistas estrangeiros vêm citando constantemente Ganivet sempre que examinam a fundo os problemas de nosso Império e sua decadencia: "o fator religioso na História da Espanha e no carater nacional; valor ideal das empresas acometidas pelos espanhóis; europeização ou nacionalização de nossa cultura; a Espanha real e popular frente à oficial e oligarquica; unidade iberica; projeção espiritual do gênio hispanico nos povos irmãos do Novo Mundo; presença da Hespanha na Africa; crise da democracia parlamentar; primazia do interesse social sobre o espirito de classe; vitalização da cidade como orgão de cultura; autoritarismo do Estado; independencia de toda atividade espiritual; virtude criadora do individuo...". E não há estudo sobre as caracteristicas estoicas do povo espanhol que não cite as seguintes palavras do* Idearium, *a respeito do senequismo, precioso ponto de partida deste ensaio: "Quando se examina a constituição ideal da Espanha, o elemento moral e, de certo modo, religioso mais profundo que nela se descobre, como a servir-lhe de alicerce, é o estoicismo; não o estoicismo brutal e heróico de Catão, nem o estoicismo sereno e majestoso de Marco Aurélio, nem o estoicismo rigido e extremado de Epiteto, mas sim o estoicismo natural e humano de Sêneca. Sêneca não é um espanhol, filho da Espanha por acaso: é espanhol por essencia; e não andaluz, porque quando nasceu ainda não tinham vindo á Espanha os vandalos; pois se tivesse nascido mais tarde, talvez na Idade Média, não teria nascido em Andaluzia, mas sim em Castela. Toda a doutrina de Sêneca se condensa neste ensinamento: Não te deixes vencer por nada estranho ao teu espirito; pensa, em meio aos acidentes da vida, que tens dentro de ti uma força mãe, algo forte e indestrutivel, como um eixo diamantino, em volta do qual giram os feitos mesquinhos que formam a trama do viver diario; e sejam quais forem os sucessos que caiam sobre ti, sejam daqueles que chamamos prosperos ou daqueles que chamamos adversos, ou daqueles que parecem aviltar-nos com seu contacto, mantém-te de tal modo firme e erguido, que ao menos se possa dizer sempre de ti que és um homem". "Isto é espanhol; e é tão espanhol, que Sêneca não teve que inventá-lo porque o encontrou já inventado: teve apenas que recolhê-lo e dar-lhe forma perene, agindo como agem os verdadeiros homens de genio. O espirito espanhol, tosco, disforme, nu, não cobre sua nudez primitiva com artificiosa vestimenta: cobre-se com a folha de parreira do senequismo; e este traje sumario fica aderido para sempre e mostra-se quando se aprofunda um pouco na superficie ou casca ideal de nossa nação".*

Aproveitei esta citação, tão divulgada, para assinalar, por um lado, a pegada senequista em Ganivet, que se prolonga através da vida e obra do granadino e, por outro lado, para advertir que ambos os genios hispanicos encontram-se hoje, em seus respectivos centenarios — pois Sêneca morreu há dezenove seculos — tão atuais como sempre, apesar do desdém com o qual certos críticos têm encarado a obra do granadino. Saturnino Alvarez Turienzo afirmava há alguns meses, numa revista madrilena, que Sêneca possuia um tipo de alma conflitual. "O leitor poderá pensar — acrescentava — manejando reminiscencias de suas leituras, que no fim estamos movendo-nos em terreno de psicologia hispanica, embora Sêneca fique um pouco distante para poder assegurar se o diagnostico que, passando o tempo, faz-se no hispanico também lhe convém a ele". "Uma natureza problematica, cindida em tendencias contrapostas, diz dele Max Pohlenz em sua historia do estoicismo. A filosofia, em tipos espirituais desta contextura, tende a adotar uma versão pratica. Uma alma em conflito, posta a refletir, orienta suas primeiras preocupações no sentido de encontrar os meios de superar esse conflito". Algo semelhante observou Miguel de Unamuno em Ganivet. "Foi, diz o autor de Niebla, como bom espanhol, um realista, mas realista completo, com realismo idealista. Ganivet sabia — embora talvez não soubesse que o sabia — que uma idéia é tão real como um fato, é tão fato como uma pedra, que é real tudo o que causa um efeito, e que é rudeza querer dar mais crédito ao conhecimento indireto e deduzido que ao direto e intuitivo".

Ganivet teria sido um precursor? Como tal apontava-o a revista "Helios" já em 1903. E Ramiro de Maeztu, e Eugênio D'Ors. E Ortega, viu-o Fernández Almagro, assinalou a influencia de Ganivet em nossa cultura atual. O proprio Antonio Espina, em seu livro Ganivet. El hombre y la obra, *que em 1942 aproximou-se do autor do* Idearium español *convencido de que ia defrontar-se com algo que podia ter sido deveras e que deveras não foi, afirma categoricamente que se trata de um "verdadeiro precursor dos modernos ensaistas espanhóis, como o foi de outro ponto de vista Larra". Como homem moderno desenha-se nestas mesmas palavras de Antonio Espina: "A inteligencia atormentada e estremecida do homem que vive em perpetua luta consigo mesmo e que forceja com os mais pateticos problemas do espirito — das paixões humanas e dos enigmas do além — reflete-se em muitas paginas de Ganivet". E acaba seu livro o biografo e critico citado com estas frases, que são uma revelação do significado que adquire Ganivet não só para a cultura espanhola como também para a européia em geral: "Foi um dos primeiros da Espanha moderna que se preocupa com esse conjunto integral social, historico e cientifico que se chama a "cultura". Por isso a area em que trabalha seu cerebro é tão extensa. Foi também Ganivet um dos primeiros pensadores espanhóis que tiveram uma visão organica da cultura, antecipando-se nisto a Spengler, a Chesterton e a Frobenius. A idéia de Frobenius de considerar a cultura como um ser vivo, como um organismo que se manifesta em seres individuais e que, inclusivamente, chega às vezes ao extremo de ter que se emancipar da tutela do homem para obedecer às profundas, secretas leis de sua natureza, é uma idéia que aponta claramente em diversos cruzamentos do pensamento de Ganivet. A falta de paralelismo entre os dois progressos do mundo do Ocidente, o moral e o instrumental, com a imprevisivel consequencia catastrofica de tal fenomeno, também foi advertida pelo pensador espanhol muitos anos antes de que pusessem o problema filosofos e moralistas estrangeiros. A pergunta: que é, espiritualmente, a Europa? e o corolario: aonde vai a Europa? são dois polos de atração constante para a inteligencia de Ganivet".*

*

Não há duvida de que conseguimos extrair, em sintese, apegados ao balaustre da prosa ganivetiana e apoiados em seus criticos, um sentido moderno da existencia que aponta em todas as obras do escritor e pensador granadino cujo centenario comemoramos neste instante. Poder-se-á deduzir facilmente, pois, que não nos encontramos ante um fossil da Historia, mas, ao contrario, ante uma inteligencia que pensou e repensou angustiosamente sobre o destino de sua patria e o destino do mundo contemporaneo. E se Ganivet não chegou a estruturar suas idéias num sistema rigido — o que, por outro lado, explica-se em uma pessoa que trabalhou muito e compôs em tão-somente três anos a obra que dele herdamos, heterogenea e contraditoria — deve-se, em primeiro lugar, á disposição fundamental da mente hispanica, que não se detém em logicismos de especie alguma e que dispara, atrás da intuição, pelos roteiros do sonho e da aventura. O final de Ganivet é o final de uma aventura do pensamento humano que não consegue equilibrar-se sobre si mesmo e anela vôos transcendentes de imediato alcance. E talvez para não trair-se a si mesmo atirou-se às geladas aguas do Dwina em afã desesperado de agarrar-se a valores menos imutaveis. É preciso aproximar-se de Ganivet, pois, com a alma limpa de preconceitos, como alguém se aproxima sedento da fonte limpa do caminho. E veremos que seu pessimismo esperançoso, seu amor à patria pequena e grande, à Europa e à Humanidade, é tão grande que somente o lance da entrega à agua, um dos principios engendradores da vida, dissolve sua alma numa eternidade de promessas indecifraveis.

DARCY PENTEADO — DESENHO

CMP1.2.2.50-1

OLAVO BILAC, GUIA DA NACIONALIDADE

JULIO DE MESQUITA FILHO

As excelentes relações que, durante alguns anos da minha mocidade, mantive com Olavo Bilac, tiveram sua origem na amizade que sempre uniu aquela figura ilustre das nossas letras a meu Pai. Ambos pertenciam á mesma geração e tinham igual maneira de ver as coisas — pois ambos procuravam extrair sempre do mundo que os cercava o que nele pudesse haver de belo. Eram, tanto um como outro, impenitentemente otimistas e queriam a todo custo buscar na Estetica a justificativa para a Vida. Bilac no verso, na prosa e na oratoria; Julio Mesquita no jornalismo, em que soube elevar-se ao mesmo nivel em que sempre pairou o seu grande companheiro de geração.

As relações entre ambos começaram no tempo em que Bilac deixou o Rio de Janeiro para aqui frequentar a velha Academia, e cada vez mais se estreitaram á medida que os anos foram passando. Bilac não chegou, como todos sabem, a completar o seu curso de Direito, o que não o impediu de se prender cada vez mais a São Paulo. A sua inteligencia vasta e penetrante cedo o levou a compreender o que representava para a Nação a comunhão paulista e o papel de primeira grandeza que desempenhou e desempenha o nosso Estado na evolução da nacionalidade.

E se era essa uma das razões por que ele jamais rompera o contacto com a terra onde passara alguns anos da sua adolescencia, suponho não errar se disser que o que o levava a sentir necessidade de retornar de quando em vez á velha Piratininga era a maneira como os paulistas sabiam apreciar a riqueza excepcional da sua personalidade. Para que hoje se possa compreender a grande influencia exercida sobre o espirito de seus contemporaneos por aquele que foi antes de tudo um poeta, seja-nos permitido procurar reconstituir o quadro em que se desenvolvia a vida civica e cultural do Brasil nos ultimos anos que precederam a guerra de 1914 e naqueles em que se desenrolou o grande drama europeu. A humanidade não tinha assistido ainda ao desenvolvimento espantoso que as ciencias exatas e de laboratorio viriam a conhecer um pouco mais tarde. A sociedade brasileira via limitado o quadro em que se iria processar a sua evolução, de um lado pelas imensas e impenetraveis florestas virgens que, do centro do nosso territorio, se desdobravam até aos Andes, e, de outro, pelo Oceano Atlantico cuja travessia custava aos poucos que a tentavam pelo menos dezenove dias de permanencia fora do mundo e do que nele se passava. A essas contingencias, somava-se ainda o ritmo pausado em que decorria a existencia nacional. Nada de semelhante ao que ocorre hoje perturbava a placida atmosfera que então se respirava. Não quero dizer com isto que não chegassem até aqui as preocupações que assoberbavam os espiritos no velho Continente. Debatiam-se nas tertulias da mocidade as preocupações que dominavam do lado de lá do Atlantico as velhas nacionalidades. Não se conhecia, é certo, aquele cujas idéias, algumas decadas depois, provocariam nos quatro continentes a mais profunda revolução social que a historia já registrou. Mas nem por isso nos era estranho o pensamento dos que, como Babeuf, Fourier, Saint-Simon e, sobretudo, Proudhon, não se conformavam com as iniquidades sociais que caracterizavam as sociedades de então. Os antagonismos de classe ainda não se haviam manifestado com a violencia que mais tarde adquiriam. E, sob a influencia do otimismo liberal, esperavamos todos que, por força da propria evolução, como nos ensinavam os filosofos da epoca, a humanidade acabasse por erradicar do seu seio os males que a afligiam. E, na expectativa de tempos melhores, dedicavamos as horas disponiveis — que, de resto, não eram poucas — á leitura e discussão das producões literarias, tanto nacionais como estrangeiras. A cultura brasileira daqueles dias apresentava as caracteristicas eminentemente humanisticas que enformavam as idéias que corriam um pouco por toda a parte.

As ciencias cujo desenvolvimento viria, dentro de poucas decadas, transformar em profundidade a estrutura social, economica e politica do universo, mantinham-se confinadas nos apertados limites dos laboratorios e gabinetes de estudo. No Brasil elas eram praticamente desconhecidas, embora começassem a exercer ponderavel influencia na evolução do pensamento nacional os trabalhos de Oswaldo Cruz e seus discipulos. Mas o que dava a nota á vida espiritual do País era, de um lado, e no terreno politico, o vulto dominador de Rui Barbosa, e, de outro, as três maiores figuras da poesia de então: Raimundo Correia, Vicente de Carvalho e Olavo Bilac. E' evidente que não se restringiam a estas três personalidades as preocupações intelectuais da juventude brasileira. Machado de Assis, Euclides da Cunha, Raul Pompeia e alguns mais eram outras tantas forças espirituais a agir na consciencia e no gosto sobretudo dos que frequentavam a velha Academia, o que de modo nenhum diminui o relevantissimo lugar que nas preocupações da mocidade que abrira os olhos para o mundo na primeira e segunda décadas deste século ocuparam aqueles três grandes da poesia nacional. E se as opiniões se dividiam relativamente ao valor individual dos que tanto enobreciam as letras brasileiras com a riquissima gama do seu talento poético, era indubitavel que entre eles sobressaia a personalidade de Bilac. Não quero dizer com isto que o autor do "Mal Secreto" ou o das "Palavras ao Mar" me parecessem de qualquer modo inferiores áquele que nos havia levado a compreender e "ouvir estrelas". Não. O que sentiamos, mais do que compreendiamos, era haver em Bilac e nas suas producões caracteristicas que, em conjunto, o tornavam mais completo que os seus irmãos na Arte. De certo modo, Bilac era uma personalidade integral, pois dificilmente se poderia atribuir á sua poética uma, por assim dizer, precedencia sobre as suas qualidades de perfeito manejador do idioma e, o que é mais, dessa outra superior modalidade de expressão, que é a oratoria. Enquanto Vicente de Carvalho e Raimundo Correia se confinavam na poesia propriamente dita, Bilac revelava-se um admiravel ensaista, ao qual a bibliografia cervantina ficaria a dever uma das mais penetrantes analises da obra do combatente de Lepanto, e a literatura shakespeariana o magnifico estudo sobre as "Quatro heroinas de Shakespeare".

Sempre mè pareceu o poeta um ser á parte, habitante de um universo que não é o nosso — o dos que viemos a este mundo sem o dom do pensar ritmado. Quando esse dom é dominante em quem o possue a visão que ele passa a ter das coisas acaba por circunscrever-se ao seu universo interior. E' pelo menos o que se observa nos que tem no verso a sua unica forma de expressão. Quando a uma tal particularidade, porém, outras se juntam — como a de se exprimir com igual destreza em prosa — então contará a terra em que ele nasceu como um poderoso interprete dos seus mais profundos sentimentos. Pertencem a essa estirpe os grandes da poesia, os poetas ciclicos, aqueles que constituiram através da Historia o limitado numero de verdadeiros lideres. Não há necessidade de apontar nomes: todos sabem a que poetas me quero referir. Dessa familia ilustre, dentro da qual nem todos se distinguiram ou distinguem pelo mesmo poder de penetração, não participavam — o que, de resto, não lhes diminuia o valor — nem Raimundo Correia nem Vicente de Carvalho. Ambos se confinavam no esteticismo puro, ao passo que a Bilac coubera fazer parte, de uma forma por assim dizer integral, da comunidade a que pertencia. Mais ainda: a sua extraordinaria sensibilidade ajudara-o a compreender como poucos o que estava em gestação no seio da comunidade maior em que se integravam as nações cuja cultura se radicava no Mediterraneo, na Grecia e na Roma da antiguidade classica. E foi essa percepção que o levou a compreender o que resultaria para o mundo, e mais particularmente para o Brasil, se á Germania de Guilherme II, e não á França de Joffre e Foch, coubesse a vitoria nos campos de batalha da Belgica, do Somme e do Marne. Daí o respeito religioso com que ele acompanhava os feitos de armas da velha nação francesa após a decisão que ela tomara de se opor, com um valor digno de antigas eras, ao impeto agressivo do I Reich. E foi sob o efeito dessa fortissima impressão que Bilac se pôs á frente da juventude que, embora sem a consciencia que êle tinha do grande drama que naqueles duros momentos vivia a humanidade ocidental, se dispôs a enfrentar com ele os riscos que naquele instante corria a mais bela civilização que o homem já conhecera.

Nós, os moços daqueles dias, tinhamos certa consciencia do que significavam os acontecimentos que sacudiam nos seus alicerces a cultura ocidental, e essa consciencia manifestava-se através do esforço que, já antes de lhe ouvir a sedutora voz, vinhamos fazendo, para dar forma concreta á variada gama de emoções que nos iam no coração. Eramos brasileiros e, como tais, captavamos as mesmas vibrações que os acontecimentos em evolução no velho Continente provocavam no organismo nacional. Não era ainda o que, um pouco mais tarde e com a ajuda clarividente do poeta, se traduziu no grande movimento nacionalista que antecedeu o ciclo revolucionario iniciado com o levante do Forte de Copacabana; mas era já o principio daquele sentimento de solidariedade nacional que haveria de dar forma e conteudo ao pensamento politico brasileiro.

Graças á sua clara visão das coisas e á influencia de um grande amigo seu, em quem nunca deixou de reconhecer a força que o levara a dar forma ao que até ali não passava para ele de simples manifestação do seu poder intuitivo — o major Gregorio da Fonseca, autor de uma conferencia, "A estetica das batalhas", que teve grande repercussão nos circulos literarios daquela epoca — Bilac percebeu que a adoção pelo Brasil do serviço militar obrigatorio equivaleria ao primeiro passo no sentido de levar a mocidade brasileira á compreensão dos deveres que lhes impunha a sua condição de cidadãos de um país livre. E foi por pensar assim que passou a esboçar no seu espirito as linhas gerais da campanha que iria ser o coroamento logico daquilo que em germe já lhe ia na alma quando na sua mocidade concebera e realizara o mais belo e perfeito de seus poemas. A oração que em breve dirigiria, do alto de uma das catedras do velho convento de São Francisco, aos seus irmãos menores de todo o Brasil, oração que Julio Mesquita considerava uma obra-prima no genero, mergulhava evidentemente as suas raizes no "Caçador de Esmeraldas"; e o fato de ter escolhido para tema central a figura de Fernão Dias, mais denunciava a noção que tinha do papel que a comunhão paulista nunca deixou de desempenhar no seio da nacionalidade. Aquilo que a sua rara sensibilidade já havia implicitamente imprimido no famoso poema, levá-lo-ia mais tarde a escolher a terra onde passara uma parte da sua adolescencia para nela dar inicio ao movimento que haveria de encerrar a sua fecunda existencia. E' que Bilac tinha a perfeita compreensão de que, a exemplo de todos os grandes movimentos da nossa historia, para que a idéia de uma profunda remodelação das nossas forças armadas se convertesse em realidade, haveria de lançá-la não da Capital da Republica, nem de qualquer outro ponto do territorio nacional, mas de São Paulo.

Bilac não nasceu em nossa terra, pois veio ao mundo em plagas cariocas; mas isso de maneira nenhuma o impediu de perceber a função que a nós, paulistas, nos cometeu o destino. Para ele, só uma instituição no Brasil se poderia converter em centro aglutinador do sentimento difuso que já então dominava a nação: o velho convento do Largo de São Francisco. Há, como se vê, na sua vida, uma logica interior que haveria de fazer do poeta o lider incontestado naquele delicado periodo da nossa evolução historica.

Por coincidência, na Academia desses já longinquos dias, era o autor destas linhas um dos que se esforçavam por levá-la a assumir naqueles instantes a mesma responsabilidade que desassombradamente assumira na época em que, agitada pelo abolicionismo e pela idéia republicana, ela soubera arvorar-se em condutora das correntes jovens que impeliriam o País a transpor mais essa etapa da sua evolução. Andava nessa altura a Academia dividida entre duas facções nitidamente distintas: a que agia sob a liderança dos Almeida Prado, Sampaios e Fragas, todos unidos pelo mesmo sangue, e que procuravam manter sob as arcadas o mesmo conservantismo que ali se aboletara desde que se tornara um fato a implantação no País do regime republicano; e a dos liderados pelos Mesquitas, os quais, já muito antes de no Pátio tradicional ter reboado o verbo poderoso de Bilac, esforçavam-se por realizar a união de todas as escolas superiores do Estado em torno da instituição a que já tinha sido dado o nome de Liga Nacionalista.

Nessa altura, quando já no seu espirito amadurecera a idéia da campanha que haveria de sacudir a nacionalidade, dirigiu-me Bilac uma primeira carta. Nela me dava conta dos seus projetos, da escolha da Academia para ponto de partida do grande empreendimento, e ao mesmo tempo indicava-me para orador que o deveria receber no momento oportuno. Recusei-me á lisonjeira indicação, pois se quisesse contribuir para a união da Faculdade em torno do novo ideal teria de impedir que fôsse avante o ponto de vista do vate ilustre. E foi assim que por toda a Academia acabou por ser escolhido para seu porta-voz na tarde de 9 de outubro de 1915 o academico Francisco de Barros Penteado. Em nome do corpo docente falaria, abrindo as magnificas jornadas que daí por diante empolgariam a Nação, o professor Reynaldo Porchat.

Chegou, por fim, o grande dia. Subiu o poeta á tribuna e proferiu a magistral oração que ainda hoje encontra eco em todos os corações verdadeiramente brasileiros. "Não podeis, talvez, — disse ele aos estudantes que o escutavam e lhe abafaram as primeiras palavras com uma calorosa salva de palmas — não podeis, talvez, perceber com perfeita consciência a gravidade da nossa situação moral. Viveis numa rica metrópole, entre o sorriso e a gala da vida culta; e não podeis entrever o caos, a confusão e os perigos que enchem toda a nossa maravilhosa e inconsistente pátria. (...) Mas é força que, antes do tempo devido, alguém cruelmente vos arranque da paz e do arroubo". Aludiu, então, ao exemplo que a Europa oferecia naquele momento, "quando a guerra abre diariamente largos claros nas fileiras dos combatentes" e "os governos chamam ás armas as mais novas classes dos exércitos, as falanges dos adolescentes, reservas fulgentes da primavera nacional", para pôr em relevo a desgraça de outra espécie que, no seu dizer, oprimia o Brasil daquele tempo. Essa desgraça consistia, no entender de Bilac, na "onda desmoralizadora de desanimo que avassala todas as almas". "Não há em cada alma a centelha criadora, que é a consciencia da força e da bondade; e de alma para alma não há uma corrente de solidariedade, de crença comum, e de entusiasmo, que congregue todo o povo numa mesma aspiração. (...) cada um quer gozar e viver sozinho, e crescer, prosperar, brilhar, enriquecer depressa, seja como fôr, através de todas as traições, por cima de todos os escrupulos. Assim — acrescentava — a comunhão desfaz-se, e transforma-se em acampamento barbaro e mercenario governado pelo conflito das cobiças individuais. E os politicos profissionais, pastores egoistas do rebanho tresmalhado, nada fazem para impedir a dispersão; e, quando não se aproveitam do regabofe generalizado, e quando não se locupletam imitando a gula comum, apenas se contentam com a passiva e ridicula vaidade do mando ficticio..." E depois de carregar com as tintas mais sombrias o quadro que nos traçava da vida nacional, perguntava:

— "Que se tem feito, que se está fazendo para a definitiva constituição da nossa nacionalidade?" — E ele mesmo respondia, desalentadamente: "Nada".

O unico meio que se lhe antolhava capaz de sacudir a inercia em que as almas se afundavam e despertar as energias adormecidas, era a instituição do serviço militar obrigatorio. Não que ele fosse um militarista. Não o era, nem nunca o fôra. Mas também não tinha o preconceito contrario. Achava, até, que a melhor forma de combater "a possivel supremacia da casta militar" estaria justamente na "militarização de todos os civis". E explicava: "a estratocracia é impossivel quando todos os cidadãos são soldados". E no desenvolvimento da sua tese, interrogava: "Que é o serviço militar generalizado? — E' o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratorio da dignidade propria e do patriotismo. E' a instrução primaria obrigatoria; é a educação civica obrigatoria; é o asseio obrigatorio, a higiene obrigatoria, a regeneração muscular e psiquica obrigatoria. As cidades estão cheias de ociosos descalços, maltrapilhos, inimigos da carta do "abc" e do banho — animais brutos que de homens têm apenas a aparencia e a maldade. Para esses rebotalhos da sociedade a caserna seria a salvação". E levado no entusiasmo por essa terapeutica social, não hesitava em considerar "a caserna um filtro admiravel, em que os homens se depuram e apuram: dela sairiam conscientes, dignos, brasileiros, esses infelizes sem consciencia, sem dignidade, sem patria, que constituem a massa amorfa e triste da nossa multidão"...

Grande cidadão e grande patriota, Bilac via na instituição do serviço militar obrigatorio o unico processo de se chegar, através da alfabetização, da educação civica, dos metodos de higiene, de disciplina e ordem, da insuflação do respeito e da veneração pelas tradições e pelos costumes patrios, á plena e orgulhosa consciencia da nossa nacionalidade. E na ansia de levar todos os seus compatriotas a comungar no mesmo ideal que lhe incendiava o coração e a imaginação de poeta, apelava para os estudantes de São Paulo a que fossem também pioneiros do "Ideal brasileiro". "Moços de São Paulo, — clamava ele — univos a todos os moços e estudantes de todo o Brasil: num exercito admiravel, sereis os escoteiros da nossa Fé! O Brasil não padece apenas da falta de dinheiro: padece e sofre da falta de crença e de esperança. O agonizante não quer morrer: quer viver, salvar-se, reverdecer, reflorescer, rebentar em nova e fecunda frutificação. Dai-lhe os vossos braços, dai-lhe as vossas almas, dai-lhe a vossa generosidade e o vosso sacrificio! Não espereis o dia em que, deixando esta casa, iniciardes a vossa efetiva existencia civica, para o trabalho publico, para a agitação social, para a politica. Trabalhai, vibrai, protestai, desde já! Protestai com o desinteresse, com a convicção, com a renuncia, com a poesia, — contra a mesquinharia, contra o egoismo, contra o "arrivismo", contra a baixeza da indiferença! Desta velha casa, de entre estes sagrados muros que espiendem de tradições venerandas, deste quase secular viveiro de tribunos e de poetas, — daqui saíram, em rajadas de heroismo, em impetos de entusiasmo, as duas campanhas gloriosas que foram coroadas pela vitoria da Abolição e da Republica. Estruja de novo a casa! estremeçam de novo os muros! e de novo palpite e ressoe o aviario canoro, cheio de hinos de combate e de gorjeios de bondade! Inaugurai, moços de São Paulo, a nova campanha! Perto de vós, o começo da minha velhice, tocada da graça milagrosa da vossa mocidade, tem gomos verdes, feiticeiros rebentos de ressurreição. Escuta e acolhe a revolta do meu outono, ó primavera da minha terra! Em marcha vitoriosa, ó meus irmãos — para o Ideal!"

Antevia, mercê do seu poder de profeta, o papel que em breve desempenhariam as forças militares reconstituidas sob o impulso da sua palavra poderosa, irmanando-se com uma mocidade retemperada nas suas convicções e já possuida pela idéia nacionalista (idéia, diga-se de passagem, que nada, absolutamente nada tinha de comum com o falso nacionalismo dos "intelectuais" de hoje). Tanto assim que, um ano decorrido sobre a sua prédica no Largo de São Francisco, era instituido no País o serviço militar obrigatorio. No inelutavel desdobrar dos acontecimentos, era o sacrificio dos 18 do Forte de Copacabana que implicitamente se continha no verbo inspirador do poeta. Era ainda o levante de São Paulo em 1924 e, como consequencia deste e do fechamento da Liga Nacionalista pelo governo federal, a formação do primeiro partido independente da historia republicana no Brasil, o Partido Democratico. Era, no Sul, a reação do pensamento novo que dominava o País, a dos libertadores contra a ditadura positivista de Borges de Medeiros. Era a Revolução de 30 e, pouco depois, a 9 de julho de 32, São Paulo chamando ás armas a Nação. Era o 29 de outubro de 1945 e, finalmente, o 31 de março de 1964, obra daquele Exercito que Bilac idearа. O Poeta não se enganara. O ponto de partida da renovação espiritual da terra que tanto amara tornaria possivel, meio seculo depois o maior feito daquele mesmo Exercito que, sob a liderança de Caxias, consolidara o grande imperio que devíamos ás gerações passadas.

Rio, 279, Carmejeiras. 25 out 1915

Meu caro Julinho. Estou em pleno combate, e tenho todos os minutos ocupados. Acho que, neste momento, o que vocês, da Faculdade, devem fazer é o seguinte:

Activar a fundação e o fortalecimento da Liga Nacionalista. A Liga deve dirigir um manifesto curto e conciso aos estudantes de todas as Faculdades, Academias, Gymnasios, Lyceos de todos os Estados. Vocês, os de São Paulo, devem ser os encadeadores, porque foi da Faculdade d'ahi que veiu o primeiro grito. Amanhã ou depois de amanhã espero enviar-te uma lista completa dos Escolares, que pedi ao Menos. Ferio do Interior. Acho que esse manifesto,

O Estado de São Paulo tem sido um campeão admiravel. Bravo! bravo! bravo! — Vou escrever breve ao Nestor, ao Amadeu, aos outros bellos amigos. Muitos abraços do

velho escoteiro

Bilac

Primeira e ultima folha de carta dirigida por Olavo Bilac a Julio de Mesquita Filho, em que o poeta trata da fundação da Liga Nacionalista, germe do futuro Partido Democratico

Na Fazenda Conceição do Barreiro (de cima para baixo e da esquerda para direita): Severiano de Rezende, Dolor de Brito, Fiel Jordão da Silva, Olavo Bilac, Simões Pinto, Nestor Rangel Pestana, Julio de Mesquita Filho, Roberto Moreira, Armando Prado, Francisco Mesquita, Raul de Freitas e o cozinheiro Juvenal, que figura na fotografia por recomendação especial de Bilac

Olavo Bilac, Alfredo Pujol, autor de famoso livro sobre Machado de Assis, e sua filha Odila

Julio de Mesquita Filho, Fiel Jordão da Silva e Olavo Bilac na Fazenda Conceição do Barreiro em Louveira.

Na biblioteca de Alfredo Pujol: sentados, Julio Mesquita, Armando Prado, Bilac e o dono da casa; de pé, o primeiro á esquerda é Plinio Barreto; os quatro ultimos, á direita, são Nestor Rangel Pestana, Amadeu Amaral, Roberto Moreira e Julio de Mesquita Filho.

Bilac, poeta do IV Século

GUILHERME DE ALMEIDA

Oração gratulatória proferida na Sessão de Gala da Academia Brasileira de Letras, comemorativa do Centenario do nascimento de Olavo Bilac.

Estamos ante um poema do Tempo.

Se ele, o Tempo — Saturno ou Cronos — mitológico, alado ancião, trona entre o Céu e a Terra, portando a ampulheta e a foice — é Simbolo. Se, anterior ao Verbo, ordena o Cosmos — é Ritmo. Se conta segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, séculos — é Metro. Se ausculta e sincroniza o bater de dois corações operando o milagre das consonancias — é Rima. E se com tudo isso, afinal, "muove il sole e l'altre stelle" — é Amor.

Simbolo — Ritmo — Metro — Rima — Amor: isto é, poema. O que tudo quer dizer: o Tempo é poeta. Compõe a marcha triunfal dos monstros siderais pela raia do Zodiaco; a barbara, estrepitosa epopéia das borrascas; a bucólica, leviana, colorida bailia das estações; a balada lunatica das marés; o ciciante idilio de vidro fino e frio desfiado das estrelas e só ouvido por quem ama,

"pois só quem ama pode ter ouvido
capaz de ouvir e de entender estrêlas"...

Eis que um diálogo — poema do Tempo, pois que o Tempo é poeta — está pairando, esta noite, aqui, sobre esta nobre sala. E' que duas estrelas ora amorosamente se encontram e conversam neste céu desta Guanabara: a estrela que há quatro séculos viu aqui nascer uma cidade, e a estrela que há um século aqui viu nascer um poeta.

São Sebastião do Rio de Janeiro — Olavo Bilac.

Estrela da Cidade — Estrela do poeta.

Ora, para denunciar o orto, enunciar o designio e anunciar o cumprimento de tal inefavel predestinação, uma voz tinha que soar hoje, aqui. Debil que fosse, era mister que soasse. E é essa voz a que ora se faz ouvir: a minha.

Mas, por que a minha voz? Por quê?... Simples coincidencia? Mero acaso? — Não sei admitir a existencia dessas duas palavras. Creio apenas no fato: não no fado. O fado de ter vindo a ser eu, por amigas complacencias, o ocupante, na Academia Brasileira de Letras, da cadeira fundada por Olavo Bilac, e o atual titular do Principado da Poesia Brasileira por ele inaugurado; e, mais, o de ser eu, agora, no "Petit Trianon", o decano da ilustre companhia — tais as credenciais que invocou a magnanimidade do nosso querido presidente ao confiar-me a honra da palavra oficial nesta solenidade. A essas, para mim, dignificantes circunstancias, que realmente me permitem tangenciar com o "curriculum vitae" do grande poeta do amor, seja-me consentido o acrescentar-lhes eu mais uma: e esta, personalissima. E' que a grande Musa de Bilac foi a minha tambem: esta Cidade, que em 1923 me deu um amor: o definitivo do meu sonho e decisivo da minha vida.

*

Guanabara... Bilac...

Cidade de um poeta, poeta de uma cidade, centenarios ambos, pertencem-se — e quanto!, completam-se — e como!

Embora tendo vivido pouco mais de meio século, Olavo Bilac foi, é e será, na Historia da Literatura Brasileira, o Poeta do IV Século. Nenhum, de então, falou mais e melhor do que ele á alma e ao coração da sua terra; e nada calou mais fundo na memoria sensorial da sua gente do que esse gosto, contacto, cor, musica e perfume que tem o seu verso de forte amor.

Daí, a perfeita entrosagem do homem com o ambiente: do poeta com a cidade. Isso é o que há de sentir e pensar aquele que, já de bem longe no calendario, mas de bem perto na recordação, intuição e, principalmente, divinatória sensibilidade, fôr capaz de descobrir a realidade dos contactos da poesia com o seu cenario, isto é, do efeito com a causa. Esse saberá que, para a poesia de Bilac, o Rio não é o aglomerado material, nem o social: nem a "urbs" nem a "civitas". E' a Natureza. A intocada. A virgem. A bruta, no heróico sentido do termo!

"Ah! quem te vira assim, no alvorecer da vida,
Bruta Patria, no berço, entre as selvas dormida,
no virginal pudor das primitivas eras"...

O seu Rio de Janeiro — o da sua poesia — não é o que eu, ainda infante, primeiro conheci com a sua Exposição Nacional de 1908, na Praia Vermelha; nem o da Avenida Central que tinha um zimborio mourisco todo chapeado de ouro refulgente; nem o dos meus iniciais, juvenis contactos literarios: Olegario, Alvaro, Roñald, Renato, Felipe, Elisio...; nem o mundano, que eu espreitava durante o "footing" elegante pelos passeios do Hotel Central, no Flamengo; nem o do bondinho do Pão de Açucar, nem o do Cristo do Corcovado, nem o dos Palacios de 1922... Nada disso. A sua cidade não é a casa, a rua, a fachada, o passeio, a calçada, a praça, a vitrina, o monumento, a igreja, o tunel, o viaduto, o transito... Não é não. Nada disso transparece, nunca, sob a excitante tessitura dos versos apaixonados e apaixonantes de Bilac. O seu Rio de Janeiro é o de verdade, não o de cartão-postal. E' a Amada Panoramica. E' Guanabara, a luxuriante: faustoso talamo, infinito leito para um infinito amor. Aureo dossel do sol — cortinados de leve nevoa — moles coxins de nuvens e montanhas — fofas almofadas de folhagens — colcha de seda chamalotada do mar — branco roçagante — lençol de areia espraiado em rendas de espuma — lua-lampada vigilante na noite — sonhos com os monstros fabulosos das constelações — pesadelo — e o assustado persignar-se pela Cruz de Estrelas do Sul... Aí, feita assim á imagem e semelhança de um sonho de poeta, ela é a que por todas as coisas se espalha, com todas as coisas se confunde, de todas as coisas se serve, em todas as coisas espera para toda se dar ao amante deslumbrado. E' essa que, orgulhoso da sua paixão, o poeta afixara como um imenso cartaz de turismo, violentamente fascinante, á entrada da barra, e falando alto e claro ao forasteiro:

"Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!
Detém-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,
em caricias se muda a inclemencia das vagas...
Este é o reino da Luz, do Amor e da Fartura!

Treme-te a voz afeita às blasfemias e às pragas,
ó nauta! Olha-a de pé, virgem morena e pura,
que aos teus beijos entrega, em plena formosura,
os dois seios que, ardendo em desejos, afagas...

Beija-a! O sol tropical deu-lhe à pele dourada
o barulho do ninho, o perfume da rosa,
a frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a! é a mais bela flor da Natureza inteira!
E farta-te de amor nessa carne cheirosa,
ó desvirginador da Terra Brasileira!

Aí se começa a sentir e compreender a autenticidade e interdependencias perfeitas das duas expressõs postas face a face: a Natureza e a Poesia. Aí se descobre, então, um como antropomorfismo erotico, que seria uma dominante na lirica bilaquiana. Sim: precisamente isso. Sublimação do libido, tudo, na criação, ao mando subconsciente do mago-poeta vai, num passivo "sim" de entrega, tomando forma humana para, como tal, ser humanamente amado. Ele proprio, certa vez, nos arroubos de seu amor, se pergunta, atonito, ante o auto-milagre de tal transmutação:

"Por que hei-de, em tudo quanto vejo, vê-la?
Por que hei-de, eterna, assim repoduzida,
vê-la na água do mar, na luz da estrela,
na nuvem de ouro e na palmeira erguida?"...

Por quê? — porque essa natureza — a mais bela do mundo, — chama-se Guanabara: a sua cidade, a sua amada. E' nela, é aí, somente aí, sempre aí que se vai operando a lirica metamorfose. Só aí, no voluptuoso, propicio cenario natural do Rio poderia um poeta perguntar ao mundo:

"Em que céus mais azuis, mais puros ares,
voa pomba mais pura? Em que sombria
moita mais nivea flor acaricia,
à noite, à luz dos limpidos luares?"...

confidenciar, na intimidade camarada de bairro carioca:

"Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
saí, ansioso por te ver: corria...
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
soube logo o lugar para onde eu ia.

E tudo me falou, tudo! Escutando
meus passos através da ramaria,
dos despertados passaros o bando
"Vai mais depressa! Parabéns!" dizia.

Disse o luar: "Espera! que eu te sigo:
quero também beijar as faces dela!"
E disse o aroma: "Vai que eu vou contigo!"

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrela:
Como és feliz, como és feliz, amigo,
que tão de perto vais ouvi-la e vê-la!"...

Ou aos incrédulos da sua magica, que transforma em gente as estrelas, contar que

"... para ouvi-las muita vez desperto
e abro as janelas palido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
a via lactea, como um palio aberto,
cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
inda as procuro pelo céu deserto"...

Ou assistir á fantasmagorica e lasciva transmudação, total sexualização da noite:

"Por estas noites frias e brumosas
é que melhor se pode amar, querida!

Bilac em desenho de Washt Rodrigues

Nem uma estrela palida, perdida
entre a névoa, abre as palpebras medrosas.
Mas um perfume cálido de rosas
corre a face da terra adormecida...
E a névoa cresce e, em grupos repartida,
enche os ares de sombras vaporosas:

Sombras errantes, corpos nus, ardentes
carnes lascivas... um rumor vibrante
de atritos longos e de beijos quentes...

E os céus se estendem, palpitando, cheios
da tépida brancura fulgurante
de um turbilhão de braços e de seios"...

Ou sentir que, quando passa a bem-amada,

"... todo o jardim, por que ela passe,
atavia-se. Há falas misteriosas
pelas moitas, saudando-a, respeitosas...
é como se uma silfide passasse!

E a luz cerca-a, beijando-a. O vento é um choro...
Curvam-se as flores tremulas... O bando
das aves todas vem saudá-la em coro...

E ela vai dando ao sol o rosto brando,
às aves dando o olhar, ao vento o louro
cabelo, e às flores os sorrisos dando" ...

Mas, não pára aí no classicismo dos liricos sonetos da "Via Lactea" a sujeição da natureza ás feições do seu amor. Eis, no ardor das "Sarças de Fogo", um fragmento de "Beijo Eterno":

"Beijemo-nos! Que o mar
nossos beijos ouvindo em pasmo a voz levante!
E cante o sol! A ave desperte e cante!
Cante o luar,
cheio de novo fulgor!
E a natureza tôda, em delirante festa,
cante, cante êste amor!"...

Mais explicita, passa à poesia intimista de "Alma Inquieta" a constante participação de todas as coisas inanimadas nos animados amores do poeta. E' dessa parte de "Poesias", de Bilac, a pagina popularissima, que todo o Brasil sempre decorou e recitou, enamorado: aqueles doces, cantantes septissilabos de "Dentro da Noite". Alguns deles, ao acaso:

"Caminho. A terra deserta
anima-se. Aqui e ali,
por toda parte desperta
um coração que sorri.
Em tudo palpita um beijo,
longo, ansioso, apaixonado,
e um delirante desejo
de amar e de ser amado.
E tudo — o céu que se arqueia
cheio de estrelas, o mar,
os troncos negros, a areia —
pergunta ao ver-me passar:
"O Amor que a teu lado levas
a que lugar te conduz,
que entras coberto de trevas
e sais coberto de luz?
.....
Sigo. Dissipo a tristeza
de tudo, por todo o espaço,
ardo e canto e a Natureza
arde e canta, quando passo"...

Agora, é a "Tarde": portal entre o dia e a noite. O livro póstumo. Jazigo do qual se eleva, num halo de ressurreição, a voz subterranea do poeta. Sim: subterranea, vinda do seio da terra que ele miraculara com seu Verbo-Verso humanizador de inumanas coisas. Fiel, ainda e sempre, á sua "imagerie", a voz subterranea fala da Tarde: mulher fecundada que traz no ventre

"...a palpitar como um fruto de outono,
a noite, alma nutriz da volupia e do sono,
perpetuação da vida e iniciação do nada"...;

e da sua "Lingua Portuguesa", que ele ama pelo seu viço agreste e seu aroma

"de virgens selvas e de oceano largo";

e da "Musica Brasileira", porque é

"lasciva dor, beijo de três saudades,
flor amorosa de três raças tristes";

e da montanha amada e feliz por ser

"a ultima a receber o adeus do dia,
primeira a ter a benção das estrelas";

e dos rios em cujas humanissimas aguas

"agita-se a ansiedade
de todos os que vivem de esperança,
de todos os que morrem de saudade";

e das arvores, dizendo-lhes:

"Tendes alma também... Amais o seio
da terra, mas sonhais, como sonhamos,
bracejais, como nós, no mesmo anseio"...
sim, as árvores...

*

Ora, numa arvore sagrada e una, que dessa sepultura jorra em impeto de epopéia, ora se transmuda o poeta. Alcança-o e domina-o o seu proprio magico poder de antropomorfismo. Ele, agora, é que se faz arvore. Todo arvore. E a ela todo se entrega como numa divina crucificação. E nela totalmente se integra como num glorioso Nirvana. E é dela que emana a voz soberana que exclama:

"Patria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
circulo! e sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
e subo do teu cerne ao céu de galho em galho!

Dos teus liquens, dos teus cipós, da tua fronde,
do ninho que gorjeia em teu doce agasalho,
do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
de ti — rebento em luz e em canticos me espalho!

Vivo, choro em teu pranto; e em teus dias felizes,
no alto, como uma flor, em ti pompeio e exulto!
E eu, morto, — sendo tu cheia de cicatrizes,

tu, golpeada e insultada, — eu tremerei sepulto:
e os meus ossos no chão, como as tuas raizes,
se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto!"

Bilac visto por um amigo

Entrevista concedida por NELSON LIBERO

O leitor talvez não saiba que Olavo Bilac — o patriota exaltado do "Hino á Bandeira" e dos versos da "Oração á Bandeira, que chegou a encarnar os ideais da nacionalidade, preconizando a preparação dos civis para a defesa do País — se considerava, como qualquer intelectual do fim do seculo passado, possuidor de uma segunda patria, "que era a da inteligencia, da cultura, do espirito sutil, da justa medida, da elegancia, do bom gosto, da civilização, enfim: Paris". A revelação foi feita pelo proprio poeta, em carta dirigida ao amigo Nelson Libero, medico e hoje diretor da Casa de Saude "D. Pedro II", na qual dizia: "Se fores este ano á Patria, lá te esperarei de braços abertos para a consoada da Civilização".

Bilac morreu na manhã de 28 de dezembro de 1918 ("Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia / Assim! de um sol assim! / Tu, desgrenhada e fria, / Fria! postos nos meus os teus olhos molhados, / E apertando nos teus os meus dedos gelados..."), mas o amigo continua vivo, e relembra emocionado os dias que viveram juntos em Paris, visitando a "Sainte Chapelle" e a "Notre Dame", frequentando a "Comédie Française", o "Café de la Paix" e os restaurantes do "Chatelet". Nelson Libero informa ainda que êle e Bilac tinham o costume de depositar flores nos tumulos de escritores famosos, mortos em Paris, como Théophile Gautier, Guy de Maupassant, Alphonse Daudet, Alfred de Musset.

"Certo domingo — conta Nelson Libero — esse habito nos levou ao "Père Lachaise". Tivemos necessidade de um guia. Um antigo funcionario nos prestou esse serviço, embora não lhe agradasse a ordem das visitas que pretendiamos fazer. Fomos atendidos, finalmente, mas isso não impediu que, volta e meia, nos fizesse referencia sobre qualquer fato ou data que estivesse ligado ao nome do "Père Lachaise". Numa dessas vezes, sem que eu ou Bilac percebesse o que o guia pretendia fazer, êle tomou posição de quem fala em publico, empertigou-se e, com voz clara e cadenciada, disse: "Foi daqui, do alto do cemiterio, com os Invalidos e a Coluna "Vendôme" á vista, que Eugène de Rastignac — o personagem conhecido do "Père Goriot", de Balzac — pronunciou a frase celebre de provocação e desafio a Paris e á sociedade: "À nous deux, maintenant".

Nelson Libero continua relembrando: "Em outra ocasião, no cemiterio "Montmartre", no tumulo de Heine, uma surpresa nos aguardava. Fixada ao monumento havia uma caixa para correspondencia ("Boite aux lettres"). Sem sair do espanto que tivemos, Bilac tirou da carteira um cartão e nele escreveu: "Olavo Bilac e Nelson Libero visitam". Conservou-o na mão durante alguns segundos, e ia depositá-lo na caixa quando, num momento de hesitação, virou-se para mim e disse (não fosse êle supersticioso): "Deixemos de brincadeiras. Ficariamos muito desapontados se Heine viesse a pagar-nos a visita".

Nelson Libero conta como conheceu o sonetista de "Nel Mezzo del Camin...": "Quando o conheci, Bilac tinha 37 anos. Estava no auge de sua gloria. Respeitado por todos, invejado por muitos, imitado por alguns (no que era possivel), Bilac gozava de grande conceito tanto no mundo das letras, do qual êle era o centro de irradiação, como no mundo politico e na esfera social — onde era sempre recebido como se recebe um principe — não fosse êle um Principe de verdade! Bilac era um homem simples, reservado, metodico, discreto, que gostava muito de meditar ("Tarde. Messe e esplendor, gloria e tributo; / A arvore maternal levanta o fruto, /A hostia da idéia em perfeição... Pensar!"). Do tempo de boemia guardava boas recordações e guardava também todos os seus amigos".

Diz ainda Nelson Libero que "até os proprios defeitos físicos desapareciam quando Bilac falava. Tinha-se a impressão de que deixava de ser miope e estrábico ("Em mim também, que descuidado vistes / Encantado e aumentando o proprio encanto, / Tereis notado que outras coisas canto / Muito diversas das que outrora ouvistes"), ele que era portador de estrabismo divergente de ambos os olhos. Mas Bilac era um tímido. Desapontava com facilidade diante de qualquer elogio ou amabilidade á queima roupa. Muito conhecido, não era livre — por isso mesmo — de fazer o que muito bem lhe aprazia".

"Certa vez — conta Nelson Libero — Bilac nos levou a um restaurante de aspecto modesto, onde nunca tinha estado e não conhecia nem mesmo de referencia, na certeza de não encontrar gente conhecida e ter o prazer de ficar á vontade. Um tanto indisposto, pediu que lhe servissem uma canja. De ar satisfeito e cheio de mesuras, o garçon que nos atendia voltou-se para o fundo da sala, onde se divisava a cozinha, e gritou em voz alta para ser ouvida á distancia: "Uma canja bem delicadinha, que é para o senhor Bilac".

Bilac era frequentador assiduo da Confeitaria "Colombo", e foi lá que conheceu Nelson Libero. A proposito, diz Libero: "Por varias vezes, quis Martins Fontes, meu companheiro de casa e de estudos na Faculdade de Medicina, levar-me á "Colombo" e apresentar-me a Olavo Bilac. Esquivei-me sempre, pretextando um motivo qualquer, por acanhamento muito natural, por não saber como comportar-me ou dominar a minha emoção. Até que, certo dia, sem premeditação alguma, fomos casualmente á "Colombo", muito antes da hora habitual. Quando já me preparava para sair, inesperadamente surge Bilac. Levantei-me. Bilac sauda a roda que já se formava, aperta-me a mão, bate-me no ombro e diz: "E você, Nelson, como vai, que tem feito, por que não tem aparecido?" Não houve necessidade de apresentação. Sem nos conhecermos pessoalmente, já eramos conhecidos, graças ás referencias de Martins Fontes. Esse inesquecivel momento foi de tal naturalidade, as coisas se passaram de uma forma tão simples e imprevista, a acolhida foi tão simpatica e espontanea que me senti logo á vontade e não contrafeito como esperava ficar. Começava, então, minha amizade com Bilac. Ele, como já disse, tinha 37 anos de idade".

Bilac tinha o culto da amizade, afirma Nelson Libero, mostrando trecho de carta do poeta, na qual diz: "Os amigos são poucos neste mundo triste. Reflete que a velhice vem aí, e a consolação da velhice é o culto das amizades velhas. Os amigos, quando são verdadeiros, sobrevivem ás amantes; o amor é genésico e baixo e a amizade é espiritual e alta".

A amizade entre Olavo Bilac e Nelson Libero se fortaleceu com a criação, pelo autor de "Poesias", da Agencia Americana de Informações, á qual Nelson prestou serviço, ocasionalmente, na Holanda, e da qual fazia parte o seu irmão Casper Libero.

Bilac esteve á frente da empresa durante muito pouco tempo, logo se decepcionando dela, como revela em carta de 1910 ao amigo: "Em toda esta porcaria da Agencia, graças a todos os deuses, só não me causaram desgostos três pessoas: meu cunhado, o Fontes e teu irmão Casper".

A amizade de Bilac e Nelson Libero durou 15 anos e — como diz o autor de "Olavo Bilac, o Homem e o Amigo" — ela só terminou com a morte do poeta.

Duas caricaturas de Bilac: de Celso Herminio (ao alto), datada do começo de seculo; e de Calixto

Bilac cronista

LUIS MARTINS

Em 1854, José de Alencar, folhetinista do "Correio Mercantil", assim se queixava do oficio:

"E' uma felicidade que não me tenha ainda dado ao trabalho de saber quem foi o inventor deste monstro de Horacio, deste novo Proteu, que chamam — folhetim; senão aproveitaria alguns momentos em que estivesse de candeias ás avessas, e escrever-lhe-ia uma biografia que, com as anotações de certos criticos que eu conheço, havia de fazer o tal sujeito ter um inferno no purgatorio, onde necessariamente deve estar o inventor de tão desastrada idéia".

De fato, não era tarefa das mais amenas e agradaveis escrever folhetins: "Obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério", a bancar "uma especie de colibri a esvoaçar em zigue-zague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espirito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho", bastava para infernizar a vida de um cristão.

Treze anos depois, em 1867, no mesmo "Correio Mercantil", França Junior batia na tecla do seu ilustre antecessor, e suspirava:

"Triste quadra para quem escreve folhetins! Por toda a parte se espreguiça a indiferença sob milhares de formas. Já lá vão esses tempos, em que o folhetinista vinha contar aos leitores as novidades da semana, quando não reduzia á expressão do romance uma intriga amorosa do baile da véspera".

Bem. Isto era a infancia da arte. Depois, naturalmente, a tecnica jornalistica progrediu. Alguns jornais estruturaram-se em empresas relativamente estaveis, amparadas por consideraveis capitais. Passou-se a dar mais importancia á colaboração literaria. Na introdução do "Ironia e Piedade", Olavo Bilac, enaltecendo o papel desempenhado por Ferreira de Araujo e a "Gazeta de Noticias", vangloriava-se dessa transformação:

"A minha geração, se não teve outro mérito, teve este, que não foi pequeno: desbravou o caminho, fêz da imprensa literaria uma profissão remunerada, impôs o trabalho. Antes de nós, Alencar, Macedo, e todos os que traziam a literatura para o jornalismo, eram apenas tolerados: só o comercio e a politica tinham consideração e virtude".

A modernização do jornal implicou em diversas inovações de ordem tecnica, com a inevitavel supressão de certas caracteristicas obsoletas e a criação de feições novas. O folhetim desapareceu, ou antes, encurtou, passando a chamar-se cronica. Machado de Assis já é um cronista. Como o proprio Olavo Bilac. Mas êste, para não contrariar a tradição, seguia a esteira de seus predecessores Alencar e França Junior, queixando-se, em 1897, na propria "Gazeta de Noticias", tão amargamente da cronica, quanto aqueles se tinham queixado do folhetim. Em dia de falta de assunto, mal cronico de todos os cronistas, imaginava uma conversa com o diabo:

"Já o diabo se levantara e estava sungando as calças, para desmanchar as joelheiras. O cronista, timidamente, perguntou que recompensa teria, se cumprisse as ordens de s. exa. S. exa. pensou um pouco e respondeu com uma gargalhada:

— Para te recompensar, condeno-te a escrever coisas para as folhas, durante toda a vida, tenhas ou não tenhas assunto! estejas ou não estejas doente! queiras ou não queiras escrever!"

O que logo evoca, ao leitor familiar de André Gide, aquela observação do "Journal" (1942):

"C'est le grand méfait du journalisme: de vous forcer à écrire, lorsque parfois l'on n'en a nulle envie".

Ou, aos fiéis de Eça de Queiroz, a graciosa historia do bei de Tunis... A chamada "falta de assunto", em ultima analise, é isto: é se ter de escrever á força, "lorsque parfois l'on n'en a nulle envie". Efetivamente, uma invenção diabolica. (Eu que o diga).

Olavo Bilac, durante muitos anos, na mocidade, viveu da imprensa, exercendo assidua atividade de cronista. Chegou, mesmo, a publicar dois volumes de cronicas selecionadas.

O prosador foi prejudicado pela fama do poeta. Bilac escrevia muito bem, num estilo escorreito e limpo, mas sem aquela vivacidade, aquela agilidade, aquela graça farfalhante, brilhante e meio superficial que constituem, a par do instinto do verdadeiro jornalista, capaz de extrair do cotidiano a reportagem sensacional ou pitoresca, e o comentario justo, um dos segredos do exito espetacular de João do Rio, como cronista.

O verso era a sua forma natural de expressão. Tinha uma extraordinaria facilidade em versejar. Se a cronica é o comentario gracioso, humoristico e malicioso do cotidiano, do acontecimento do dia, suas melhores cronicas eram metrificadas e rimadas. Chegou mesmo a ser um temivel panfletario politico... em versos.

Isto não quer dizer, entretanto, que Bilac não fosse um bom cronista, embora ofuscado pela gloria do poeta. Ocupa, mesmo, posição definida e de realce na historia da cronica carioca, que é a propria historia da cidade do Rio de Janeiro, em sua lenta transformação de costumes, habitos, modas, gostos, divertimentos, paixões politicas, da fisionomia urbana e social, condicionada pelo progresso e o desenvolvimento demografico — de França Junior a Rubem Braga, de José de Alencar a Fernando Sabino, de Machado de Assis a Lêdo Ivo.

Para se conhecer o roteiro da vida cotidiana do carioca do principio do seculo, nos belos tempos do soneto parnasiano e da boemia literaria na Colombo e na Pascoal, é preciso ler os cronistas da epoca — e Bilac é dos mais bem informados e idoneos. Curioso, por exemplo, é ler-se a sua cronica sobre a desvalorização da Apolice, escrita em 1909 — e confrontá-la com a de Machado de Assis, sobre o mesmo tema, publicada em 1894, na epoca do Encilhamento.

Mais proveitosa e interessante ainda, para o historiador dos costumes cariocas, é sem duvida a que escreveu em 1900, sobre o "Café-Cantante".

"Nos ultimos dez anos — começa o cronista — quantas manias temos visto desabrochar, viçar e morrer, nesta versatil e inconsequente cidade! Passageiras, precarias manias..." E passa a enumerá-las: as corridas de cavalos, o jogo da péla (frontão), o jogo da bola (boliche), o ciclismo... "Por fim, chegou o **bicho** e matou tudo. Tem sido essa a mania de mais pertinacia no viver. E provavelmente não será vencida pela mais recente, pela de agora, pela do café-cantante". No que Bilac demonstrava muita perspicacia e instinto profetico, pois o "bicho" chegou até nós — e o café-cantante há muito morreu.

Mas em 1900 estava em pleno apogeu e era a atração principal da vida noturna carioca. "Não há rua, por mais esconsa, por menos frequentada, que não possua atualmente o seu café-cantante".

Onde na vespera era uma loja de secos e molhados, uma charutaria ou uma papelaria, surge da noite para o dia um café-cantante. Bilac previne o leitor: "Entras. E, em lugar do teu charuteiro ou do teu merceeiro, encontras uma rapariga que te oferece um chope. A tua loja é uma cervejaria! Ao fundo, com um estrado velho, improvisou-se um palco. A' beira dele, um piano invalido desmancha-se em lundus e em chibas. E eis ali surge, de saias curtas, uma cantora a chalrar..."

E a cronica termina com uma interrogação lançada ao futuro:

"Ai! vamos ver quanto há de durar a nova mania! E, depois desta, que outra virá?"

Hoje estamos em condições de informar que a mania do café-cantante não durou muito. E podemos fazê-lo, graças a outro cronista. De fato, em 1908, João do Rio, em cronica movimentada e pitoresca, (está no "Cinematografo"), lamentava "A decadencia dos chopes", que outra coisa não eram senão os mesmos cafés-cantantes de oito anos antes — mania efemera da cidade, logo substituida por outras, que também passaram, como tudo passa sobre a terra, no dizer de um folhetinista...

LITERATURA BRASILEIRA

Os amores de Alvares de Azevedo

VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO

II

A breve existencia de Alvares de Azevedo se divide em periodos bem nitidos: primeira infancia: S. Paulo — 1831-1833; menino e adolescente, os onze anos entre 1833 e 1844, passou-os no Rio de Janeiro; entre 1844 e 1845, de novo em S. Paulo, começou a preparar-se para a admissão na Academia de Direito; 1845, 6 e 7, no Colegio de D. Pedro II, onde se apresentou como "galgo", isto é, admitido no 5.o ano do curso; colou grau de bacharel em letras no fim do ano de 47, e, dispensado dos exames á vista do diploma de bacharel pelo Colegio de D. Pedro II, matriculou-se na Academia de S. Paulo em 1848; frequentou-a quatro anos, de 1848 a 51. Aprovado nos exames do 4.o ano de direito, foi passar as ferias grandes no Rio de Janeiro, onde faleceu no dia 25 de abril de 1852, em consequencia de molestia não identificada com precisão, e que, em todo caso, não foi a tuberculose.

Tendo presente a sua extraordinaria precocidade, nada mais natural que desde rapazote, desde que veio para S. Paulo pela primeira vez, o seu coraçãozinho houvesse recebido as primeiras cocegas do deus do amor. Oito, nove, dez anos de idade marcam o periodo em que normalmente os meninos se interessam pelas meninas. Então, há um seculo, as namoradinhas, dada a convivencia, eram eleitas entre as primas. E a safra das primas de Alvares de Azevedo, além de brilhante, deve ter sido abundante: seu avô, o mestre de campo Alexandre Alvares Duarte de Azevedo, casado com d. Ana Vitoria Duque Estrada Furtado de Mendonça teve nada menos de vinte filhos. Que foi brilhante, não há duvida, a julgar pelos casamentos: Ana, viscondessa do Uruguay; Maria, viscondessa de Itaborahy; Mariana, casada com o conselheiro Bernardo Bernardino Soares de Souza, cujo filho, Francisco Belisario, foi ministro da Fazenda; Maria, casada com o dr. Francisco de Souza Motta, que foi presidente da Provincia do Rio de Janeiro; Mariana, casada com o barão de Fonseca; Mariana sua irmã casada com o Dr. José Carlos Pereira de Almeida Torres, filho do visconde de Macahé; e sua irmã Maria Luiza, que faleceu dois anos depois dêle, contou entre os pretendentes João Mauricio Wanderley, o futuro barão de Cotegipe e o conde de Fé d'Ostiani. Como se vê, a nata do Rio de Janeiro. E para rematar a enumeração que já vai extensa: Maria Catarina, a "Moreninha", que inspirou e se casou com o Dr. Joaquim Manoel de Macedo. Isto no Rio de Janeiro. Os Silveira da Mota não foram menos prolificos. E tem mais: a herva de passarinho, então muito encontradiça, aparece bem nítida na sua árvore genealogica, tanto no ramo materno, como no paterno...

Pois êsse tempo em que se ensaiavam namoricos entre primos; na idade em que despertam os instintos e se revelam afetos outros além dos filiais e fraternais — Alvares de Azevedo atravessou inteiramente incolume. Não há, na tradição de familia, na correspondencia do menino (S. Paulo, 1844-5) a mais leve sombra de inclinação afetiva.

Êstes ensaios ainda quando não vingavam, deixavam vestigios que mais tarde iam se revelar em acentos autobiográficos na obra literaria. Ora, tanto na poesia, como na prosa de Alvares de Azevedo não se vislumbra o mais leve resquicio do que se poderia interpretar como uma reminiscência. Releia-se a poesia — "Meus quinze anos". O contrário se verifica com quase todos os poetas, tanto patricios, como estrangeiros. Para dar somente um exemplo: a "Iná" dos versos tão inspirados de Fagundes Varella, parece-nos certo que é o nome sob o qual oculta seu primeiro e virginal amor. Várias são as passagens manifestamente autobiográficas.

Dêsse namoro entre primos nasciam muitos casamentos. Autor coevo, que conheceu pessoalmente Alvares de Azevedo, registra, corrente e moente na zona rural de Minas Gerais, o conselho de que nada se devia vigiar tanto como tres P.P.P.; porque, dizia-se, são sempre os pombos e os primos que borram a casa. (Confira-se: Ferreira de Rezende, Minhas Recordações, Rio, 1944, pg. 192).

Vamos joeirar as cartas de Alvares de Azevedo, á cata de informações.

Não cabe nos limites apertados deste ensaio, e pede desenvolvimento, a historia da correspondência do poeta com a familia. Consideração de ordem material: ainda não tiveram, as cartas á mãe e ao amigo Silva Nunes, a edição fiel e cuidada que merecem e se faz necessaria.

Apareceram pela primeira vez publicadas, depois da morte de D. Maria Francisca, ultima irmã sobrevivente do poeta (mãe do prof. Ignacio Azevedo Amaral) — por Luiz Felipe Vieira Souto. Parece que foi mantida a ordem em que haviam sido mandadas encadernar pela mãe do poeta. Edição muito mal cuidada, inçada de manifestos erros de copia, em parte explicaveis, devido á má caligrafia do autor; ausencia integral de notas elucidativas; frequente omissão de nomes, sem motivo plausivel; linhas inteiras de pontos, representando cortes injustificaveis; mistura de cartas á mãe com cartas ao amigo Silva Nunes. As cartas do poeta ao pai, e que seriam complemento das outras, não foram conservadas.

A reedição, unica segundo cremos, figura no primeiro tomo das "Obras completas de Alvares de Azevedo", edição organizada e anotada por Homero Pires, Cia. Editora Nacional, 1942. Embora melhor que a anterior e enriquecida de notas, não foi feita á vista dos originais, e apresenta quase todos os senões apontados.

Concorrendo a uma catedra de Literatura no Colegio de D. Pedro II, Luiz Felipe Vieira Souto apresentou a tese: "Reflexos duma "palida sombra" no romantismo brasileiro" (Rio, 1950). A' pag. 150 oferece a informação de que empreendia, para breve, uma reedição escoimada dos vicios reconhecidos. Este "em breve", sujeito ás contingencias humanas, foi o dia de S. Nunca. Vieira Souto, a quem nos ligava sincera amizade, não primava pelo metodo no trabalho. Informa que 19 cartas (...) haviam sido retiradas a tesoura (!) da coleção. Conseguiu reaver três ou quatro.

Desde tempos imemoriais, talvez mesmo desde o pai da Historia, servem-se os biografos da correspondencia particular como fonte de informações, manancial dos mais preciosos e seguros.

Não alimentar, todavia, ilusões demasiadas a respeito: mentem as "Memorias", hoje tão em voga; mentem as correspondencias; mentem os moribundos; mentem até os suicidas, aqueles que voluntariamente se despedem da vida. Que o diga a historia moderna do Brasil!

Se "le rire est le propre de l'homme" — não menos que o riso é a mentira: inseparaveis como irmãos siameses o homem e a mentira. Mas, ainda quando o autor não é sincero, ainda assim o documento revela traço de sua personalidade.

As cartas de Alvares de Azevedo, apesar dos defeitos indicados, constituem acervo precioso de informações e de dados. Delas vamos nos utilizar, procurando descobrir e desvendar o pensamento do poeta; assim como, com um maximo de cautela, de manifestações autobiograficas encontradiças na obra.

O menino de 1844 foi recebido pela sociedade paulistana, reatando as relações de amizade do tempo em que os pais aqui moraram. A' mãe: "Aqui tenho recebido visitas á grande de senhoras que lhe (...) conheceram quando Você esteve aqui".

Transmite muitas lembranças de D. Maria Antonia Bulhões, que lhe mandara "uma bandeja de limas da Persia, muito bôas". E acrescenta: "O seu afilhado foi batizado por Artur, no dia 22 (agosto). Chorou muito". Trata-se de Artur Silveira da Mota, o futuro herói do Riachuelo e barão de Jaceguay. A carta dá-nos a conhecer o nome da mãe. O pai: Prof. José Ignacio Silveira da Mota, que em 1855 foi senador por Goiás.

Conta que assistiu ao "baile dado pelo Sr. Souza Queiroz" (senador por S. Paulo e barão de Souza Queiroz). "Todas as salas estavam com lustre, o ar embalsamado de mil cheiros, tanto de flores, como de essencias, mas contudo (sic) S. Paulo nunca será como o Rio de Janeiro. Alí estavam o que se chamam cá moças bonitas. Haviam (sic) com vestido de veludo a Presidenta e a viscondessa de Monte Alegre".

Quem eram estas damas que portavam vestidos de veludo? A Presidenta era a Sra. Lima e Silva, esposa de Manoel da Fonseca Lima e Silva, barão de Suruhy, tio de Caxias. A viscondessa de Monte Alegre: a Sra. Maria Isabel de Souza Abreu, segunda esposa de José da Costa Carvalho, visconde e marquês de Monte Alegre, baiano de nascimento, paulista por adoção, depois de regente do Imperio, deputado e senador por S. Paulo.

O jovem cronista social estranha a descrição de toilettes: "Haviam (sic) além destes, vestidos de setim sem ter escomilha por cima, haviam de chita e cassa, com listas de sede, de chalim (?), etc.".

Quatro anos passados, em maio de 1848, já estudante de direito, e depois da permanencia no Colegio de D. Pedro II, — dobrado é o interesse da correspondencia, a principiar pela carta de 11 de maio, dirigida ao amigo Silva Nunes. O poeta, mesmo na intimidade de uma carta a colega cuja amizade vinha do tempo do Col. D. P. II, não resiste aos pendores literarios, e revela desde logo o que seria a linha mestra, a caracteristica de sua psicologia em materia de amores: a indiferença em relação ás meninas com quem convivia e com as quais se encontraria nos bailes e em sociedade: um desejo de se fixar, de preferir, de eleger aquela que seria o objetivo de um amor que latejava no seu peito. Uma atração, um afeto, uma predileção. Por outras palavras: o vulgar, comum.

O retrato mais conhecido de Alvares de Azevedo. Original a oleo por Krümoltz. Legado à Faculdade de Direito por sua mãe

— então você precisa ler

"HISTÓRIA DAS VIAGENS DE DESCOBERTAS" - de É. Samhaber

As aventuras da descoberta do mundo - de Marco Pólo a Colombo, de Cook a Cortês - descritas em agradável linguagem, de fácil leitura. São 30 séculos de viagens maravilhosas num só livro!

Mais uma obra das EDIÇÕES MELHORAMENTOS — livros sôbre todos os assuntos, para todos os gostos e idades!

— A SEMANA — E OS LIVROS

ALENCARIANA

Passam-se os anos, sucedem-se as gerações, mudam as modas literarias — mas José de Alencar continua a ser um dos mais lidos romancistas brasileiros. Lido e "sentido" pelo publico. A que se deve a continuidade desse dialogo entre o autor de "O Guarani" e os leitores? Talvez porque Alencar soube integrar-se profundamente no espirito de nossa gente, expressando-lhe no arrebatamento do estilo (tanto na fase "indianista" como na dos "romances urbanos"), a indole cordial e sem ressentimentos. Justifica-se, portanto, agora que se comemora o centenario da publicação de "Iracema", o interesse despertado pelo aparecimento de **"José de Alencar — Literato e Politico"**, de Raimundo de Menezes. O biógrafo de Aluisio de Azevedo evidencia aqui, novamente, a capacidade de evocar existencias e reconstituir épocas. Baseando-se em documentos de boa fonte, completados por intuição na qual a realidade dos fatos sempre está presente, Raimundo de Menezes apresenta Alencar nas suas multiplas facetas: como continuador de uma estirpe cearense cuja sorte se ligara á causa da formação do Brasil, e como jornalista, politico, panfletario, poeta, ministro, etc. E, sobretudo, na qualidade de romancista criador de uma escola que, na época, causou sensação. Não obstante a série de obras inspiradas pela complexa personalidade do autor de "As Minas de Prata" ainda há na sua vida aspectos pouco estudados ou insuficientemente divulgados. Para muitos, teve uma existencia de incessantes exitos na vida literaria e politica, que o levaram do Ceará natal ao centro da Côrte de D. Pedro II. Para outros, sua carreira foi farta em triunfos, sempre com aplausos do publico que se divertia com as turras do romancista com o Imperador e os figurões da época... Deixando de lado as fantasias, Raimundo de Menezes faz surgir, da documentação que reuniu, um Alencar bem diverso: um Alencar em luta com o destino e consigo proprio. Na verdade, cada exito lhe custava grandes esforços, que contribuiram para lhe minar a já franzina constituição. E se de um lado o publico lhe acolhia bem as obras, de outro, sofreu, enquanto vivo, tenaz campanha de parte da maioria dos criticos. Ademais, a politica foi para ele um Calvario. Suas unicas compensações eram o amor da familia e o trato das letras. No entanto, mesmo neste ultimo setor, sua satisfação jamais foi completa. Machado de Assis, um dos raros que na época reconheceram o talento de Alencar, conta que este, já autor popular, lhe indagava, angustiado: "Você acha que passarei á posteridade? Não nutro essa esperança e contudo, que alento me daria, no meio dos desconsolos, que também me vem do cultivo das letras!" Ao redor do biografado, Raimundo de Menezes pinta uma série de personagens que parecem de ficção. A começar pelo próprio pai do romancista, o diacono e futuro presidente do Ceará, José Martiniano, a lembrar um protagonista de romance de Walter Scott, atravessando os sertões nordestinos como uma labareda revolucionaria. Outra figura marcante é a de D. Barbara, avó paterna do escritor, que fez parte do pugilo de patriotas que proclamou a Republica no Crato e penou varios anos nas enxovias de El-Rei. Estamos, em suma, diante de obra que corresponderá ao interesse dos leitores, pois foi traçada com o objetivo de refletir, compreensivamente, a obra e a personalidade do autor de "Senhora". E reflete, sobretudo, o drama humano de um ser que, possuido por sonhos de preeminencia, somente nas letras alcançou, de fato, sentido para a vida. Fontes para o estudo do tema, documentos iconograficos etc. completam o volume. (Livraria Martins Editora. Capa de Percy Deane).

Comemorando o centenario de **"Iracema"**, a Universidade do Ceará acaba de publicar luxuosa edição do popular romance, confiando a Braga Montenegro a tarefa de rever o texto e preparar notas elucidativas. Ademais, aquele critico completou o volume com um ensaio no qual, realçando o papel de **"Iracema"** na evolução da novelistica nacional, analisa a posição de Alencar em relação ao publico e á critica. Se de um lado a presente edição é atraente pelo apuro grafico, bom gosto da paginação e cuidado posto na revisão, de outro cabe acentuar o interesse do aludido ensaio. Focalizando o fenomeno da "longevidade artistica" desse romance, o critico o atribui "á virtude exclusiva de sua consistencia estrutural". Ao mesmo tempo, observa que as obras de Alencar valeram a este, quando da respectiva publicação, rudes ataques por parte da critica. "Muito se queixaria ele — continua Braga Montenegro — dessa animosidade e, com maior mágoa talvez, do silencio ostensivo que se fazia em torno de sua pessoa de romancista". **"Iracema"** não escapou, na epoca, a tal animosidade. Para começar, o autor foi tachado de "indigente de estilo". E' verdade que não se pode dissociar os ataques desfechados contra o livro da campanha pessoal contra o autor, campanha que, como se sabe, derivava de motivos mais politicos do que literarios. Continuando, Braga Montenegro observa que, atualmente, a tendencia dos estudiosos da obra alencariana "não é para apurar se escreveu desta ou daquela maneira". Citando, inclusive, trabalhos do critico Eugenio Gomes, lembra que aquela preocupação foi substituida "por uma revisão conscienciosa, á luz de métodos de interpretação e análise, com objetivos estritamente literarios". Pondo em relevo outros aspectos do romance, acrescenta que nele encontramos como que a substancia de todas as grandes virtudes novelisticas e poéticas de José de Alencar, o que, de certa maneira, explica a perenidade do seu interesse. Terminando, afirma que, no respectivo genero e estruturação, constitui "uma obra-prima que, como tal, completa agora cem anos viva e esplendida". Além de dados sobre as edições anteriores o volume inclui "A Carta ao Dr. Jaguaribe" e "Post-Escrito", documentos que interessam aos estudiosos da obra do escritor de "Ubirajara".

*

FICÇÃO CIENTIFICA

Deverá aparecer nos próximos dias, sob a égide da Empresa "Edart", uma nova antologia de narrativas de "ficção-cientifica". Intitula-se **"Além do Tempo e do Espaço"** e reune trabalhos de Clovis Garcia, Jeronimo Monteiro, Antonio D'Elia, Ligia Fagundes Telles, Rubens Teixeira Scavone, Nelson Palma Travassos, Alvaro Malheiros, Domingos Carvalho da Silva e André Carneiro.

*

AS MEMORIAS DE AUGUSTO MEYER

Augusto Meyer está revendo o novo volume de suas "Memorias", iniciadas com "Segredos da Infancia". Nesse volume, intitulado **"Menino e Moço"** (é evidente que a inspiração de Bernardim Ribeiro foi recebida, aqui, através de Machado de Assis...) o autor de "Giraluz" evoca a primeira parte de sua adolescencia na Porto Alegre dos tempos da I Guerra Mundial, com seus mitos liricos do pôr-do-sol no Guaiba, o misterio noturno do "Alto da Bronze", as tardes de inverno e o vento assobiando na já movimentada rua da Praia. O livro deve ser publicado no primeiro semestre de 1966.

*

"PISTOLEIROS DE PISTOIA"

Antonio D'Elia terminou seu livro **"Pistoleiros de Pistoia"** — serie de contos em parte já publicados em periodicos. Será uma dos proximos lançamentos da empresa "Edart".

ROLMES BARBOSA

PICASSO E CHAPLIN

ALCANTARA SILVEIRA

II

Se hoje Picasso é um artista famoso — quer como pintor, quer como escultor, ceramista, pesquisador, gravador, desenhista e ilustrador — houve tempo em que a fome lhe contorceu as tripas e quase nenhuma galeria colocava suas telas nas paredes e mostruários. O itinerário percorrido por Pablo Picasso tem muitas semelhanças com o trilhado por Charles Chaplin, com a diferença de que êste talvez tenha conhecido a fome mais de perto.

A infancia de Chaplin transcorreu entre a miséria e a doença. Filho de um alcoolatra e de uma mulher que tinha períodos de insanidade, abriu, sozinho, servindo-se da tenacidade e da persistência, o caminho que o levaria à glória. Decidido a ser ator, custasse o que custasse, enfrentou desde menino os percalços que rodeiam a existência dos atores de teatro de segunda ordem, conseguindo, aos poucos, impor-se aos empresários, às platéias e aos rivais. Chegando finalmente ao cinema, transformou-se num dos ídolos do cinema mudo, o que lhe proporcionou a tão almejada fortuna.

Cumpriram-se assim, em parte, as profecias da cartomante que, consultada por Chaplin quando ainda lutava nos teatros mambembes, prognosticou-lhe mudança de atividade artística, êxito na nova profissão, malógro em dois dos três casamentos, e uma imensa fortuna. O vaticínio só não se cumpriu quanto ao numero de filhos e ainda não se realizou (por enquanto) em tôrno de sua morte, que deverá ocorrer aos 82 anos de idade, de broncopneumonia... Embora seja difícil alguém atualmente morrer de bronco-pneumonia, talvez Chaplin esteja pensando nos ultimos seis anos de vida que lhe restam. Não está aqui, aliás, um bom tema para um filme de Carlito?

Como nasceu o alter-ego de Chaplin? Por acaso, como as grandes descobertas. Certa feita, quando se iniciava no cinema com Mack Sennet, êste pediu-lhe que se caracterizasse para fazer umas graças num saguão de hotel. Inventou, então, aquele personagem que jamais iria sair da retina de todos quantos hoje passaram dos 40 anos. Confessa Chaplin não ter tido nenhuma idéia da psicologia do herói. "Mas, no momento em que assim me vesti, as roupas e a caracterização me fizeram compreender a espécie de pessoa que êle era. Comecei a conhecê-lo e, no momento em que entrei no palco de filmagem, êle já havia nascido. Estava totalmente definido".

O êxito de Chaplin começou desde êsse dia, durante os ensaios da cena que iria ser filmada mais tarde. Logo depois êle conquistava toda a América do Norte e, mais tarde, a Europa, a ponto de precisar despistar as multidões que o esperavam por toda a parte. Mesmo as figuras mais representativas das artes, das finanças, da política, passaram a disputar a sua companhia. Mas é nesse período que Chaplin sente mais profundamente o horror da solidão. "A solidão é repelente", escreveria êle muitos anos depois. "Tem uma aura de tristeza, uma inadequação para atrair ou interessar, a tal ponto que nos sentimos ligeiramente envergonhados quando ela nos rodeia". "... a minha solidão aumentava o meu sentimento de frustração pelo fato de possuir eu todos os requisitos para fazer amigos: era jovem, rico e célebre".

Antes dos 30 anos, portanto, Chaplin, graças a Carlito, conquistou a vitória com que sempre sonhara: "Dentro de pouco tempo seria milionário — e tudo isso me parecia um pouco maluco. O dinheiro entrava em borbotões para os meus cofres". A solidão, porém, continuava. Foi num dêsses momentos que um amigo levou-o a conhecer Caruso que cantava "Rigoletto" num teatro nova-iorquino e o encontro entre as duas celebridades transformou-se na cena mais frouxa que se possa imaginar. Vestindo-se para o palco, Caruso dirigiu-se a Chaplin: — "Você tem feito grande sucesso, heim? Tem ganho uma dinheirama!" O outro concordou e como despedida disse que ia para a platéia porque não queria perder a cena do Toreador o que o cantor corrigiu: "Isso é na "Carmen", não no "Rigoletto"!"

E já que toquei neste desastrado encontro, quero referir-me a outro, entre Chaplin e Picasso, segundo aquele narrou pessoalmente e este contou através de Françoise Gilot. O encontro se deu em Paris, depois que Chaplin abandonara os Estados Unidos para sempre, num jantar em que tomaram parte também Aragon e Sartre. Mas ouçamos o proprio Chaplin:

"Aragon, um belo homem, de fisionomia expressiva. Picasso, com ar bem-humorado e zombeteiro, a parecer menos um pintor do que trapezista ou palhaço de circo. Sartre, de rosto redondo, com feições que, embora irregulares, tinham sensibilidade e sutil beleza. O filosofo pouco revelou do que trazia na mente. Nessa noite, findo o jantar, Picasso levou-nos ao velho "atelier" da Rive Gauche que ainda utilizava. Ao subirmos a escada, vimos à porta de um apartamento, em andar inferior, este aviso: Aqui não é o "atelier" de Picasso. Por favor, suba mais uns degraus.

"Entramos na mais triste e indigente das mansardas, em que o proprio Chatterton sentiria vergonha de morrer. De um prego cravado num caibro pendia um fio eletrico e a sua lampada permitiu-nos ver uma velha cama de ferro, meio insegura, e um fogão desconjuntado. Contra a parede, uma pilha de telas sujas e envelhecidas. A que apanhei era um quadro de Cézanne, e um dos mais belos. Apanhei outra e mais outra. Devo ter mirado umas cinquenta obras-primas. Veio-me a tentação de oferecer-lhe uma bolada por todas... apenas para salvá-las de tal abandono. Naquele "submundo" à Gorki havia uma mina de ouro".

Leiamos agora o mesmo encontro narrado por Françoise Gilot:

"Em fins de outubro de 1952, Chaplin veio de Londres a Paris para assistir à estréia do seu filme "Limelight". Pablo jantou com ele alguns dias mais tarde, na companhia de Sartre, Aragon e alguns outros amigos. Depois Chaplin visitou os "ateliers" da rue des Grands-Augustins. Não falava francês, nem Pablo falava inglês.

"Os interpretes esforçavam-se o mais que podiam, mas a conversa arrastava-se miseravelmente", contou-me Pablo. "Então tive a idéia de ficar só com Chaplin para ver se, sem intermediarios, não poderiamos estabelecer uma especie de comunicação. Levei-o ao meu "atelier" de pintura e mostrei-lhe as telas em que trabalhara recentemente. Quando acabei, fiz um sinal, para ele perceber que era a sua vez. Ele compreendeu imediatamente, entrou na casa de banho e fez a mais maravilhosa pantomima que se possa imaginar: a de um homem que se lava, se barbeia, dominado por toda a especie de pequenos reflexos, como o de tirar a espuma de sabão que lhe entrara no nariz ou nas orelhas. Depois pegou em duas escovas de dentes e repetiu essa encantadora dança dos pãezinhos, da sequencia da festa. Fê-lo tão bem como noutros tempos".

Eis aí: uma mesma cena contada de maneiras tão diversas! Quem teria contado a verdade?

Nas memorias de Chaplin desfilam as maiores personagens mundiais da politica, das finanças e das artes com as quais esteve em contacto, principalmente antes da 2.a guerra mundial, quando então sofreu, por parte do governo norte-americano, que o julgava comunista, uma inclemente perseguição. Sabiamos, por ouvir contar, o que lhe acontecera durante esse periodo, mas não imaginavamos até que ponto tinha chegado a incompreensão norte-americana a seu respeito.

O que se procura nas memorias de gente extraordinaria como Charles Chaplin são suas idéias, embora se reconheça que num artista — seja o ator de cinema, como o pintor, ou o musico — o que menos interessa são seus pensamentos sôbre politica, a respeito de religião ou de qualquer outro tema a que sua arte não esteja relacionada. E sob tal faceta o livro de Chaplin pouco oferece de substancioso. Que dizer, por exemplo, desta sua opinião sobre a Russia?: "Para mim o erro maior (da Russia) foi o de repudiar seus emprestimos no estrangeiro, alegando, após a Revolução, que eram dividas do Czar".

Que pensa Chaplin do patriotismo? "Não sou um patriota — e não somente por motivos morais ou intelectuais, mas também é sentimento que não possuo. (...) Compreendo êsse sentimento em pessoa em que se entranhou a tradição dos antepassados, que teve lar e jardim, infancia feliz, familia e amigos".

Que pensa Chaplin do mundo em que vivemos (ou do mundo em que vivia quando escreveu suas memorias)? Ouçamo-lo:

"Creio que é oportuno agora transmitir a impressão que tenho sobre a situação atual do mundo. A complexidade crescente da vida moderna e o ritmo alucinante do seculo XX por todas as formas, politica, cientifica e economicamente. Começamos a sofrer como que um condicionamento da alma, submetidos a sanções e permissões.

"Essa matriz a que temos de nos amoldar deve-se á carencia de uma concepção cultural. Entramos ás cegas numa existencia feia e congestionada. Perdemos a noção do belo. O sentido do nosso viver está sendo embotado pela preocupação do lucro, pelo poder e pelo monopolio. E temos consentido que tais forças nos envolvam, sem nos dar conta das suas consequencias nefastas.

"Sem filosofia orientadora e sem o senso de responsabilidade a ciencia entregou a politicos e militares armas tão destruidoras que eles têm nas mãos o destino de todos os viventes sobre a terra.

"Essa pletora de poder entregue a homens cuja responsabilidade moral e competencia intelectual estão longe de ser infaliveis, e em muitos casos parecem mesmo contestaveis, seria capaz de ter como desfecho uma guerra exterminadora de toda a existencia no Planeta. Entretanto, continuamos a seguir cegamente nesse rumo.

"Certa feita, disse-me o Dr. Oppenheimer: "O homem é impelido pelo anseio do conhecimento". Está muito bem, mas em muitos casos não se cogita das consequencias. O sabio concordou com essa observação. Alguns cientistas parecem-se com os fanaticos em assunto de religião. Tocam para diante, certos de que tudo quanto descubram é sempre para o bem e que o seu credo tem sentido moral.

"O homem é um animal com instintos elementares de sobrevivencia. Por conseguinte, desenvolveu primeiramente a sua engenhosidade e só depois a sua alma. Assim, o progresso da ciencia tem sido muito mais rapido do que o da conduta moral do homem.

"O altruismo caminha devagar na trilha do progresso humano. Segue atrás da ciencia num passo preguiçoso, aos tropeços. E só ajudado pelo influxo das circunstancias é que chega a atuar. A pobreza não foi reduzida por altruismo ou filantropia dos governos e sim pelas forças do materialismo dialetico.

"Disse Carlyle que a salvação do mundo será obtida quando o povo der para pensar. Mas, a fim de que tal aconteça é preciso que o povo se veja diante de grave conjuntura.

"Ora, dividindo o atomo, o homem ficou encurralado e na obrigação de pensar. Tem de escolher entre a propria destruição ou uma conduta ajuizada. O avanço da ciencia força-o a fazer a opção. Creio que o altruismo acabará por vencer e há de imperar o amor pela Humanidade".

1) "A minha vida com Picasso" — Tradução de Carmen Gonzalez e Antonio Ramos Rosa. (Publicações Europa-America — 1965).

2) "Historia da minha vida" — Tradução de Rachel de Queiroz, R. Magalhães Junior e Genolino Amado (Livraria José Olympio Editora, 1965).

3) François Mauriac — "Mes grands hommes" (Editions du Rocher, 1949).

4) Cf. "O mundo livre de Pablo Picasso" — (Tradução de José Geraldo Vieira).

Picasso em seu "atelier"